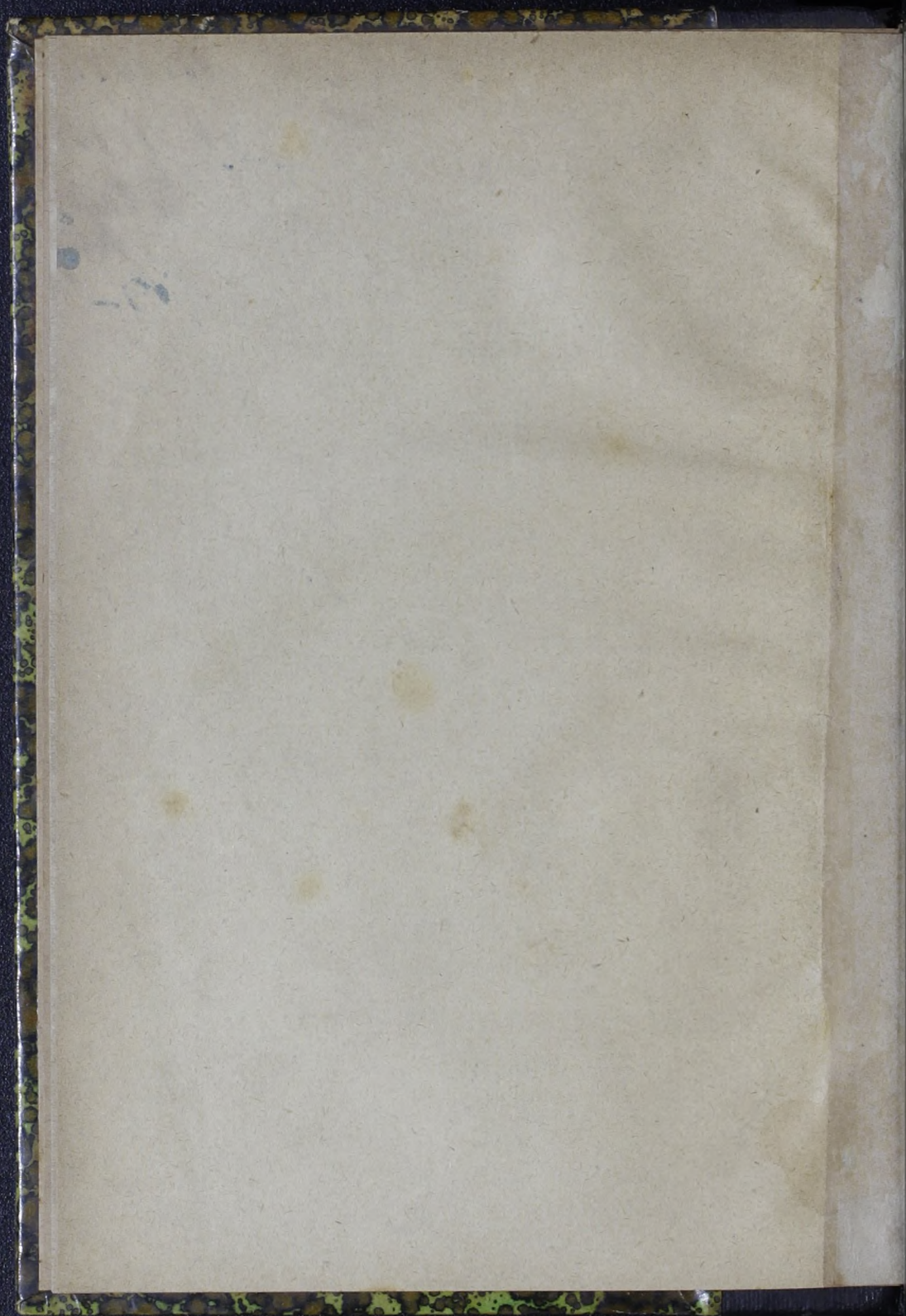
COMO

Se Chama Ella!

DEPOSITO
32—Rua das Janellas Verdes—32
LISBOA

Typographia de José da Silva Mendonça
11—Largo de S. Domingos—13
PORTO
1888

Como se Chama Ella!

CAPITULO I

O Subterraneo

A neve cahia tão rapida e continuamente, que toda a cidade estava envolta n'um manto branco. Era a hora em que poucas pessoas transitavam pelas ruas. Já tinha cessado o movimento do negocio, e ainda não começára o ruido surdo da vida nocturna. No becco estreito não se ouvia um passo, nem um raio de luz penetrava nas miseraveis habitações que davam para elle.

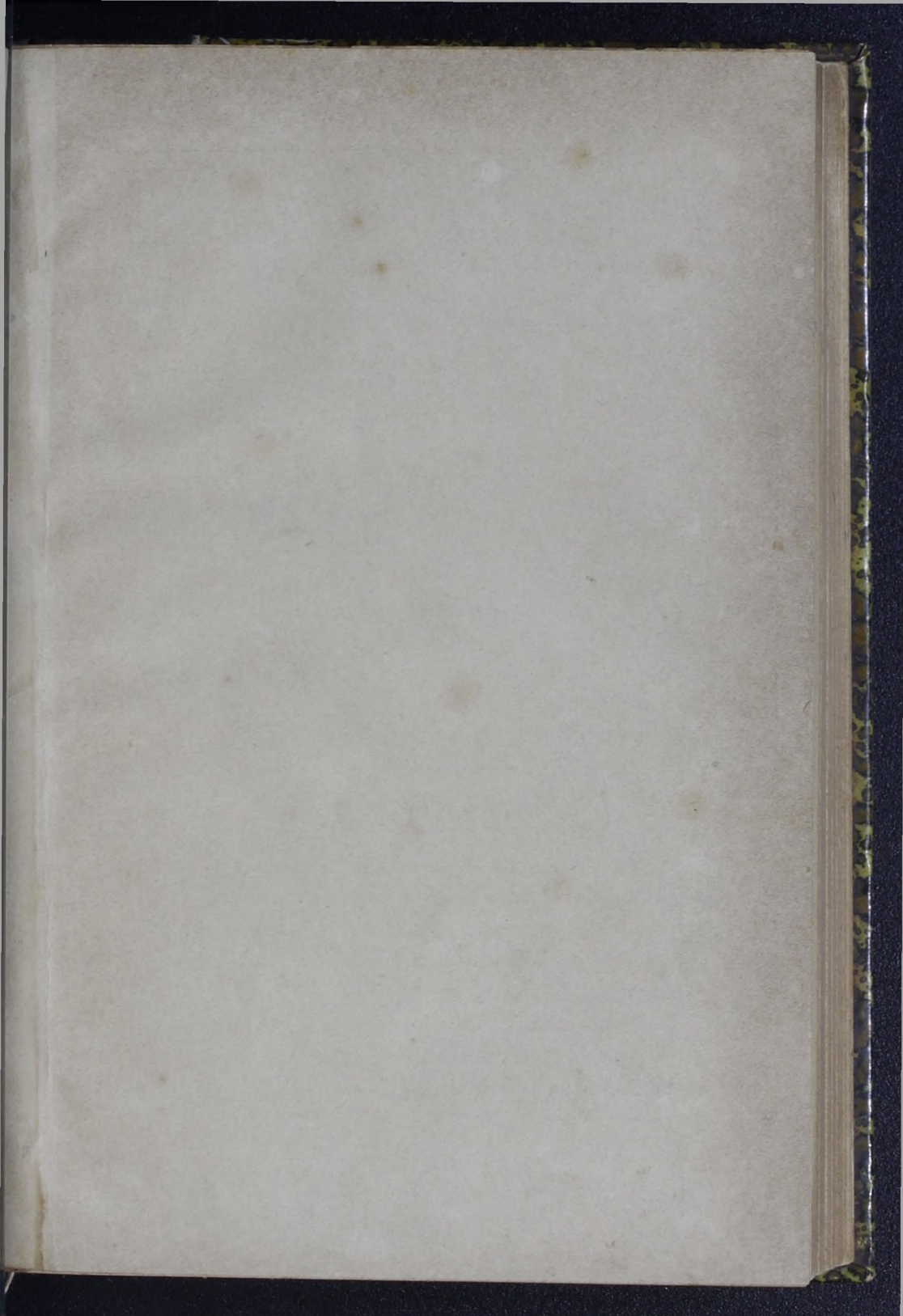
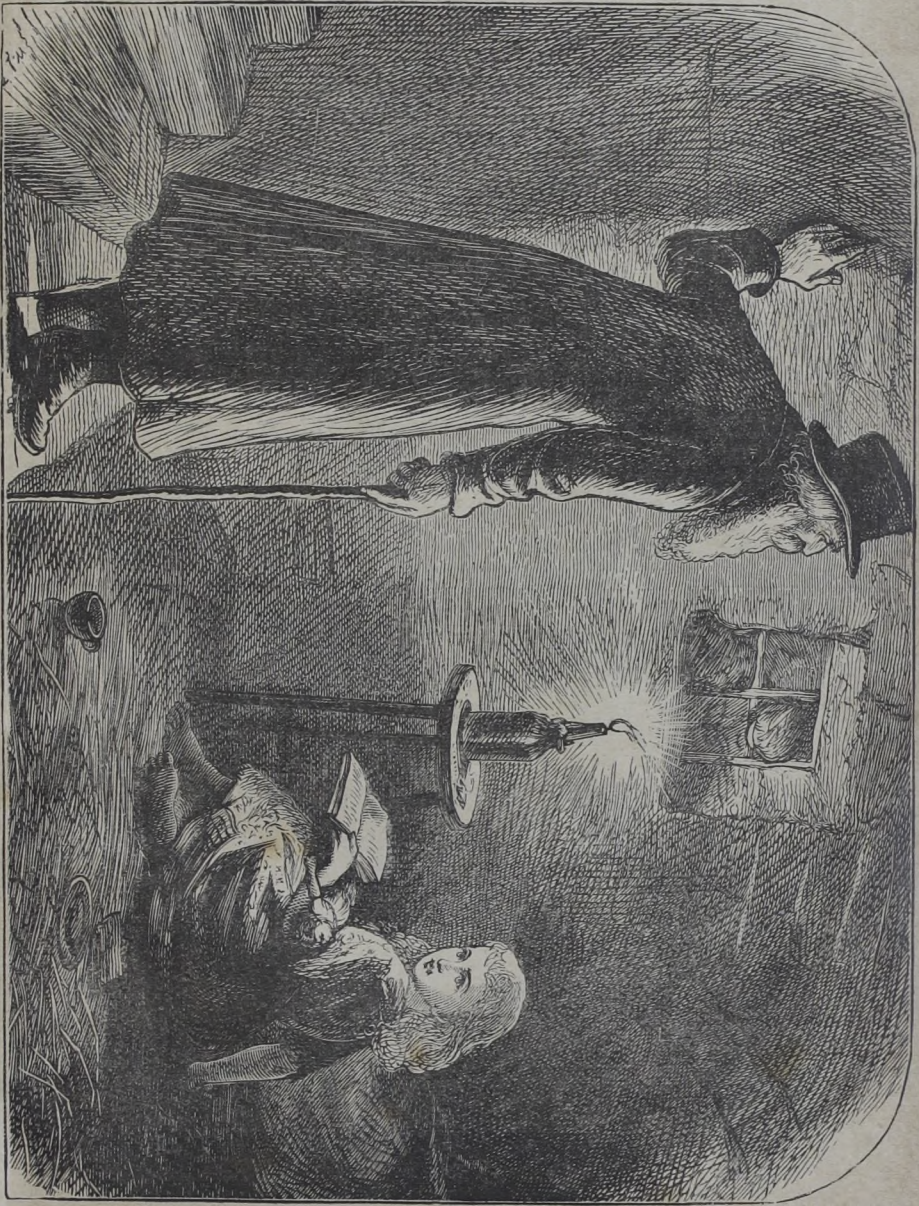
Desçamos meia duzia de degraus arruinados, ou antes os tijolos quebrados que d'elles restam, e acharnos-hemos no que parece um meio termo entre cella e estrebaria, mal adequado a um ou outro fim, mas que nunca teria sido predestinado para habitação de entes humanos. Os tijolos do chão, gastos a ponto de apresentarem buracos d'onde exhala humidade; o tecto, d'abobada; e a pequena janella rez-vez com o pavimento da rua, com os vidros negros e partidos entremeiados de farrapos e pedaços de jornaes a taparem-lhe os buracos. A fornalha não tem grelha, e, sobre o que ou-

tr'ora foi pedra de lar, encontra-se os restos d'umas brazas. Em frente está uma tripeça. Toda a luz que ha vem d'uma vela suja e esguia, cravada no gargalo d'uma garrafa, com um grande morrão, que pende tristemente.

A um canto da casa, sobre umas palhas, ouve-se a respiração alta d'uma pessoa: é a de uma mulher que parece se arrastou até alli, e cahiu sem forças para se tornar a levantar d'esse leito desconfortavel.

Ao pé da tripeça e na parte mais limpa do chão, está sentada uma creança de seis a sete annos, que ainda ignora a tristeza e o cuidado. Ao seu lado veem-se os restos da ceia, que constam d'um pedaço de pão e d'um liquido escuro n'uma caneca partida. Sobre o joelho balanceia o que foi uma boneca de pau; já não tem braços, e a parte superior do corpo, que devia ter sido gordinha e cheia, acha-se agora d'uma magreza espantosa, provavelmente em consequencia da curiosidade um tanto perigosa de examinar a sua construcção. A cabeça dava triste prova do aceio com que era tratada a boneca. O nariz tambem tinha soffrido bastante. A parte mais bem conservada eram as botas, d'um azul vivo. Para condizer com esta ultima parte do vestuario, a dona tinha enfeitado a boneca com um cinto e grande laço, feitos com todo o cuidado d'uma tira de cassa côr de rosa, pelo modelo dos que Bella Okem, filha do merceeiro á esquina da rua, usava com o vestido domingueiro.

No regaço a pequenita tinha um livro de hymnos que parecia estar a ensinar á boneca, variando a lição com conselhos convenientes, e reprehensões que ella jul-

gava inherentes ás relações entre mestra e discipula. «Agora, menina, dê-me toda a sua attenção», começou ella, «já que perco comsigo todo o meu tempo, tenho tambem direito a exigir-lhe alguma cousa»; e a pequenita sacudiu os bellos cabellos louros que lhe cahiam sobre os hombros.

Como se ficasse satisfeita do resultado d'esta exhortação, continuou pouco depois, «Agora, menina, cante o seu hymno!»

Deitando uma vista d'olhos para o lado onde estava sua mãe, que deitada sem se mover gemia mais alto, e com maiores intervallos, começou:

«Amo a meu Salvador,
Amo a meu Salvador,
Amo a meu Salvador,
Porque elle me amou.»

O hymno continuou sem interrupção em voz baixa e melodiosa, até chegar ao verso:

«Os Judeus O crucificaram,
Os Judeus O crucificaram,
Os Judeus O crucificaram,
E O pregaram ao madeiro.»

«Hum!—e quem te disse isso, pequenita?» proferiu uma voz aguda por detraz d'ella.

A pequena estremeceu, e com o movimento quasi que deixou cahir a discipula de pau. Voltando-se, en-

controu defronte de si dois olhos pequenos, penetrantes e inquietos, que, como a lanterna d'um policia em ponto pequeno, a examinavam da cabeça aos pés, percorrendo em seguida tudo ao redór.

O possuidor dos olhos era um velho de rosto anguloso, barba comprida grisalha, e cuja physionomia seria bondosa e até nobre, se não fosse uma expressão habitual de desconfiança e suspeita, que pareciam dominal-o. Vestia d'uma maneira exquisita, como a pequena nunca tinha visto. Casaco comprido que lhe chegava aos calcanhares; botas altas, com as calças mettidas por dentro. No collete um quadrado de fazenda branca com longas franjas. (*)

Passado o primeiro momento de surpreza, a creança examinou rapidamente o seu interrogador. O exame foi evidentemente satisfactorio, porque a côr voltou-lhe ás faces, e replicou, encarando-o:

«Foi Bella Okem.»

«Bella Okem? O que?!» retorquiu o velho com um sorriso de desprezo, «então isso é que elles ensinam desde a mais tenra edade, e admiram-se de que nós lhe tenhamos odio!»

Passou a mão trigueira e descarnada pela barba, e puxando-a devagarinho, poz a descoberto a longa fila de dentes.

Na sua expressão houve o que quer que fosse que

(*) Os judeus mais devotos usam d'este quadrado com franjas, em cumprimento do preceito de usar franjas nos cantos das vestiduras.

devia ter assustado a creança, porque ella, como para explicar, accrescentou timidamente:

«Bella Okem é a fructeira da esquina.»

O velho olhou para ella, mas parece que não fez caso d'estas palavras. Em seguida, largando as barbas, pegou na garrafa que estava servindo de castiçal, e voltou-se na direcção da figura immovel deitada sobre a palha, que gemia de quando em quando d'uma maneira extranha.

«Eu venho da loja buscar as camisas,» disse elle justificando a sua presença, e procurando com a vista os objectos de que fallou.

«Sua mãe dorme? está cançada?

Effeitos do vinho!» murmurou por entre os dentes, approximando-se do monte de palha, «e com esta pobre creança a seu lado!»

A luz da vela deu no rosto macillento. Estava pallido como a morte; pela testa enrugada gottejava-lhe o suor; as mãos estavam convulsivamente fechadas; e um pequeno tremôr lhe agitava os membros.

O velho recuou.

«Shema Yisrael! (*) ella está...» A expressão d'angustia que divisou no rosto da creança suspendeu-lhe o resto da phrase.

O velho judeu tornou a pôr a vela sobre a tripeça. Que devia elle fazer? A fallar a verdade, dizia elle de si para si, isto não me pertence. Demais a mo-

---

(*) «Ouvi, ó Israel!» exclamação vulgar em occasiões particulares.

ribunda pertence a outra raça e religião, raça odiada. Como o tinham sempre tratado a elle e aos seus? Elle tinha sido enviado da loja simplesmente para saber das camisas; ellas estavam alli, podia leval-as comsigo, e não teria mais nada a dizer. Mas, podia tambem dar parte do que havia ao asylo dos pobres. Não, não faria isso, porque poderiam tornal-o responsavel. Daria parte aos visinhos? Mas, quem eram es visinhos? Como todos os outros uma canalha. Emfim, o que era evidente era que a creança devia ser levada immediatamente d'alli. Ella tinha-lhe fallado da fructeira na esquina, leval-a-hia lá. Olhando para a creança, que parecia estar tão dependente d'elle, não duvidou mais do que havia de fazer, nem hesitou.

«Anda commigo, filha,» disse-lhe elle com doçura. «Mostra-me onde mora a fructeira; preciso fallar com ella a respeito da tua mãe. Anda, minha filha,» accrescentou vendo que ella hesitava, «eu chamo-me Abrahão Lazaro, e sou da loja,» como em resposta a qualquer pergunta relativa á sua identidade, e ao ser pessoa de confiança.

«Abrahão Lazaro—isso é da Biblia,» disse a creança animada. Os nomes serviram-lhe, por assim dizer, de garantia, como se reconhecesse n'elles amigos a quem podesse seguir sem medo.

Voltando-se primeiro para o vulto que estava sobre as palhas, e em seguida para o seu protector, disse em voz baixinha: «O Senhor Jesus velará por minha mãe até que eu volte, não acha?» e submetteu-se ao seu novo protector.

O velho judeu pegou nas camisas que tinha vindo buscar, segurou no livro dos hymnos, e conduziu-a para a rua. A neve tinha cessado de cahir, e as estrellas brilhavam no ceo. Todo o caminho até casa de Bella Okem a creança conservou-se junto d'elle, palrando a respeito do «Pae Abrahão e de Lazaro,» que estava agora descançando no seu seio e era tão feliz—Oh, tão feliz!»

Era singularmente apropriada esta primeira historia do Novo Testamento que o velho judeu aprendeu n'essa noute dos labios d'uma creança christã.

CAPITULO II

O snr. Lazaro entra n'uma nova carreira

«Que se ha de fazer com ella?

O que hei de eu fazer?» Abrahão Lazaro tinha feito esta pergunta a si mesmo, cincoenta vezes pelo menos desde que deixára o corpo inanimado da mão da pequena Maria, mas sempre com o mesmo resultado.

Depois de entregar a creança por aquella noute a Bella Okem, tinha voltado para junto da moribunda; porque, comquanto estranha e gentia (*) não lhe per-

(*) Os judeus davam o nome de gentios a todos os que não seguiam a sua religião.

mittiam os seus sentimentos deixal-a morrer ao abandono. Lá ficou toda a noute vigiando e esperando sempre que antes de se despedir do mundo, lhe indicasse por alguma palavra ou gesto, o que deveria fazer á creancita dos olhos vivos, que tão breve se acharia orphã na grande cidade.

Abrahão sabia bem demais o que isso era, e estremecia ao lembrar-se das scenas com que aquelle rosto innocente e meigo se teria de familiarisar. Mas, apezar de não a ter desamparado, a moribunda nunca recuperou os sentidos. Uma só vez moveu os labios, e foi, se Abrahão se não enganou, n'um esforço que fez para pronunciar o nome d'aquelle a quem o judeu tinha aprendido a escarnecer e desprezar.

Assim, quando soltou o ultimo suspiro,—muito antes da luz fria e triste do inverno penetrar no becco — não havia nada que esclarecesse a sua vida, nem sequer indicasse o nome, a não ser uma phrase entrecortada formando o começo d'uma carta, que a infeliz, exhausta de vontade ou de forças, não tinha concluido. Dizia assim: «Nunca mais terieis sido importunado pela vossa Joanna, pobre, desgraçada, e penitente, se ella não tivesse uma filha —.»

A quem eram dirigidas estas palavras? e como não seria profunda a agonia que as dictou! Pobre Joanna! Foi algum dia amada..., e hoje partiu para a região das sombras levando comsigo o segredo dos seus desgostos.

Emquanto á orphã, que talvez tivesse amigos ou

algum protector, achava-se agora inteiramente só no mundo, e até sem nome.

Abrahão perguntava, pois, a si mesmo o que lhe havia de fazer; e á falta de melhor conselheiro, consultava as suas barbas, como se d'ellas lhes podesse advir alguma bôa idea.

Comtudo, ter uma creança—uma creança sua—tinha sido em toda a vida o seu sonho dourado. Para elle, como para muitos judeus, a praga ameaçadôra do propheta: «Escreve que este homem será esteril,» parecia-lhe o mais pesado de todos os castigos. Não que elle pensasse jamais em casar, ou na vida em familia; sabia-lhe bem dos seus dissabôres, e pouco conhecia da felicidade do lar. Não; se Abrahão Lazaro realizasse o seu ideal, seria supprimindo todas as relações intermediarias, e collocando-se como avô d'um unico acto: não regeitaria a benção a mais, mas um lhe bastava. E para se satisfazerem plenamente as suas ambições, devia essa creança ser uma menina. Effectivamente, um rapaz poderia, convivendo com outros mal educados, tornar-se grosseiro e brusco, e não corresponder aos seus sonhos dourados.

Devia ser uma menina docil, terna, meiga, d'olhos vivos e cabello annelado, pequena bocca que franzisse os beiços e se amuasse, e que o viesse beijar todas as manhãs e todas as noites. Um ente pequenino que lhe pertencesse; de quem podesse pensar e cuidar; para quem trabalhasse e vivesse; e ao qual consagraria o amôr mais puro e sancto d'este mundo. Uma voz que o saudasse ao entrar em casa e o abençoasse ao sahir; em fim uma lem-

brança que estivesse sempre com elle e convertesse a sua triste existencia n'uma manhã de primavera.

Quando estivesse apoquentado na loja, com patrões exigentes ou freguezes desarrazoados, ou simplesmente abatido com o peso da vida, pensaria n'esse lar imaginario, e n'essa filha—pensaria até quasi se persuadir de que assim era, e levantaria os olhos na esperança de ver esse vulto querido sentado sobre aquelle monte de casacas, ou prompta a saltar do balcão para os seus braços.

E, durante todo o caminho do seu solitario aposento, ia fazendo planos a este respeito. Devia vestil-a—sim, simples, mas muito asseada; educal-a, porque seria muito esperta, e no decorrer do tempo viria a ser mestra; e poderiam prosperar até que lá muito ao longe, em ponto pequeno mas muito distincto, lhe apparecia uma visão de si mesmo, Abrahão Lazaro sentado n'uma poltrona, ao fogão, com um barretinho de veludo na cabeça calva, acariciando a sua barba branca. E...—justamente n'esta occasião não poude ver mais longe, porque o fumo que encontrou ao abrir a porta da sua pequena e triste agua-furtada, fez-lhe chorar os olhos, e chamou-o á realidade da sua situação.

Na verdade estava aqui a perspectiva, ou pelo menos a possibilidade de se converterem em factos esses sonhos. Abrahão considerava que nunca vira cara mais dôce e innocente do que a d'aquella creança que o tinha olhado com confiança, quando elle a separou do leito da agonia de sua mãe.

Na loja não o consideravam sympathico, antes pelo contrario o achavam aspero e desagradavel. Por que

razão se tinha a creança sorrido para elle, e palrado como se o conhecesse de toda a sua vida; qual o motivo que a levava a amal-o, e a confiar n'elle? Nunca ninguem assim tinha feito.

Alem d'isso, ella achava-se só—inteiramente só — como elle. Ninguem se poderia metter entre os dous. Não tinha parentes nem amigos que a reclamassem, ou com quem podesse repartir a affeição.

Até não tinha nome, e por força tomaria o seu— caso elle resolvesse a grande questão d'essa maneira— o que lhe parecia provavel, visto não haver nada a desejar no nome de Lazaro, que a creança conhecia pela bonita historia da sua Biblia que na vespera lhe tinha contado.

Mas, deveria elle adoptal-a como sua? A questão de gosto de parte a parte, punha-a de lado, porque a considerava realisada. Restava a questão de «como e de que modo,» que era formidavel encarada pelo lado pratico.

O rendimento de Abrahão regulava a uma moeda por semana, quantia que não só chegava para todas as suas necessidades estando só, como tambem para pôr um pouco a render. Seria sufficiente para os dous? Julgava que sim. Emquanto ao futuro, quando sua filha necessitasse mais, a sua posição estaria já melhorada pela influencia d'este novo estimulo applicado ás suas energias. E além d'isso, ella haveria tambem os seus ganhos como mestra.

Destruida esta objecção, todas as outras ficaram

por terra. De facto, uma vez satisfeita a questão do gosto reciproco, tudo o mais estava decidido.

Abrahão, comtudo, discorria com prudencia, e não considerava ainda o negocio resolvido. A religião era uma grande difficuldade. Abrahão era judeu — judeu piedoso, beato, e fanatico; não sabia porquê, mas era assim; e alimentava a tenção de assim continuar até ao fim da vida. Maria era christã; Abrahão não a podia fazer judia, e ainda que podesse não a faria. Mas, emfim, seguisse a religião que seguisse, comtanto que fosse devota; porque o judeu não podia soffrer a ideia de que uma sua filha tivesse falta de reverencia ou de religião.

Apresentava-se agora um problema que iria embaraçar o mais douto! Como poderia elle, judeu devoto, educar sua filha como christã devota? Sabia pouco da religião, e esse mesmo pouco repudiava e odiava.

A sua propria fé, essa não lhe seria difficil guardar. Podia preparar as refeições da comida legitima dos judeus, ou tomar a sua principal refeição na cidade, n'uma das casas de comida para judeus — porque os judeus devotos não comem alimento preparado pelos christãos. No sabbado judaico ella escusaria de saber onde elle estava.

Quanto a Maria, poderia ir ao collegio, e aos domingos iria ao collegio dominical, de que já lhe tinha ouvido fallar, e onde ella aprendêra a historia relativa ao seu nome. Ouvir-lhe-hia repetir a lição, para ver se a sabia, e tambem a faria rezar. Em summa, poderia consideral-a como uma das suas lições; e, se se julgas-

se ferido ou offendido, repetiria o credo judaico ou um dos Psalmos. Que importava? Não ficaria menos judeu. E o velho ria-se de si para si quando pensava no extranho compromisso que ia tomar.

Uma cousa elle reconhecia claramente — a Mariquinhas não devia saber da differença entre as suas religiões. Perderia toda a confiança n'elle, ou então a religão que tinha; e qualquer d'estas alternativas se devia evitar. Portanto nunca devia saber, nem sequer suspeitar que elle era judeu. Isto envolvia muitas cousas. Devia desviar-se para pôr as tiras do pergaminho (*) e fazer as suas orações. E tinha ainda de mudar d'aposento que désse a conhecer a sua fé. Não lhe serviria pois agora; necessitava d'um quartinho para si, álem do quarto solitario que até então tinha occupado. Devia ser um aposento onde a dona da casa fosse mulher respeitavel a quem podesse confiar a pequenita depois da aula até elle voltar da loja.

Causava-lhe tristeza deixar o aposento que occupava ha perto de quinze annos, e custava-lhe participar essa mudança á senhora Isaac: não sabia que razão lhe havia de dar.

A ultima mudança, mas a maior de todas era a alteração do vestuario. Ainda que o comprimento do casaco fosse insignia do judeu essencialmente zeloso, não ha realmente connexão alguma entre tal praxe e a religião; e o mesmo succede aos trajos inferiores e

(*) As tiras são usadas durante as orações da manhã pelos judeus devotos.

ás botas. Decidiu-se portanto a fazer estas reformas, mas com mais custo do que as outras.

Tendo-se Abrahão resolvido ao sacrificio, devia submetter-se a elle immediatamente; todas as duvidas e escrupulos que lhe restavam foram banidos. Abrahão vestiu-se rapidamente, começando a alteração por soltar as calças da antiga prisão, e sorrindo-se quando viu que a mudança lhe não ficava mal.

Em seguida desceu com cuidado as escadas que rangiam, para que a senhora Isaac o não ouvisse, e sahiu, a arrostar com o frio e a neblina d'uma manhã de Dezembro, em procura de novos aposentos.

CAPITULO III

A campa d'uma pobre

Achar casa que lhe conviesse não foi tão facil como Abrahão julgava.

Em primeiro logar elle só podia offerecer dez tostões por semana, e breve reconheceu que, ainda assim, devia passar sem muitas cousas que desejava ter. Comtudo foi infeliz na procura, e estava quasi a desistir, quando, em caminho para a loja, entrou n'um bairro que lhe deu alguma esperança.

A visinhança parecia respeitavel, e algumas das ruas aspiravam a nobreza, ao passo que outras degeneravam tão rapidamente em caracter, que chegavam ao nivel da taberna baixa á esquina, e da loja de penhôres rodeada d'um numero desproporcionado de fer-

ros-velhos. Foi n'uma d'estas ruas que Abrahão entrou. Ao principio, as habitações eram baixas; mas, á medida que avançava, tornavam-se melhores, até que para alem da egreja negra e escura, chegavam a ser respeitaveis. Comtudo seria difficil dizer que qualidade de gente vivia n'estas casas. Tinham portões largos com campainha e entrada ao lado, como de gente que aspira a uma certa grandeza; mas ao mesmo tempo a côr havia cahido, os tijollos estavam sujos, e as janellas eram pequenas e escuras. Isto dava ao todo um ar de desleixo e pobreza, fazendo com que a sua ostentação fosse mais historica do que actual. Entretanto Abrahão affrouxou o passo e examinou cuidadosamente ambos os lados da rua.

N'um segundo andar, em letras grandes, via-se sobre um quadrado de cartão a palavra «Quartos».

A casa era alta e estreita, indicando comtudo mais aceio do que as outras ao lado; em cada andar tinha só duas janellas.

Abrahão bateu á porta, e só passado algum tempo appareceu uma velha, que decerto se esteve preparando n'esse intervallo; comtudo a natureza tinha-a favorecido mais do que a arte, e sob a rapida preparação por que a sua face tinha passado, transparecia ainda a bôa fórma esculptural da mocidade. Trazia o avental voltado ás avessas, as mangas deitadas para baixo, touca limpa na cabeça, e cabello alizado.

Não se lhe via sequer um dente, mas os olhos eram vivos, e o sorrir tão franco e prazenteiro, que quasi a tornava bonita.

2

«Que deseja o senhor? deseja ver os quartos? lhe disse ella.» A' resposta affirmativa de Abrahão, fêl-o entrar. No primeiro andar vivia uma senhora idosa, mãe da senhoria, que estava sentada n'uma poltrona ao meio d'uma serie de cadeiras pequenas e enfileiradas como os soldados em fórma.

«Tenha a bondade de subir devagarinho; a senhora está fazendo as suas orações.»

A senhora é catholica romana, segredou a creada. O padre vem vêl-a duas vezes por semana: deve-lhe custar bastante dinheiro, accrescentou ella em tom mais confidencial. Abrahão abanou a cabeça a esta curta descripção das singularidades religiosas.

Passados os aposentos da senhoria, subia-se uma escada gasta, rangendo a cada pisada. A este tempo já Abrahão se sentia á vontade com a velha e falladôra creada que o acompanhava. A meio da escada, esta, apontando para o segundo andar, continuou:

«Boa gente, aquella. A senhora Viegas e seu irmão Josias. Elle é caixeiro na cidade, e ella trabalha em costura e aluga quartos.» Esta ultima observação referia-se decerto á senhora; mas a velha tinha um modo especial de fallar juntando as phrases.

Chegaram á porta da senhora Viegas, e Abrahão bateu com muito mais confiança do que costumava em identicas circumstancias. Não esperou; ouviu-se immediatamente um movimento no quarto, e a porta abriu-se de repente. A senhora Viegas era alta e magra, de seus cincoenta e tantos annos, olhos pardos, feições angulosas, e dois caracoes de cada lado da cabeça.

Se Abrahão tivesse ainda algumas duvidas sobre a conveniencia de mudar de trajo, tel-as-hia perdido ao ver o olhar prescrutadôr com que a senhora Viegas o mirou. Ella propria era em exemplo de elegante rigôr em vestuario e apparencia; e Abrahão esqueceu-se do seu pezar no deleite com que notou o aceio de todos os seus arranjos.

Dava esperança para a educação de sua filhinha. Abrahão fallou d'ella com enthusiasmo como sua neta, sem, de certo, alludir a quão recente era a origem d'este parentesco adoptivo, nem mesmo que a creança o ignorava ainda.

Facilmente se ajustaram as condições para que elle occupasse as aguas furtadas, que constavam d'um quarto quasi do tamanho da sala da senhora Viegas, e d'uma alcova, onde Abrahão tencionava accommodar-se, e fazer as suas devoções de manhã antes de a pequena accordar. Abrahão deu a loja para informações, o que abonou a sua respeitabilidade; o seu vestuario passou como singularidade extrangeira. Além d'isso elle propoz pagar sempre quinze dias adiantados.

A senhora Viegas decidiu recebêl-o a elle e á pequena no dia seguinte, caso o irmão annuisse — formalidade desnecessaria porque Josias estava sempre d'accordo, mas ella insistia sempre em a observar nas resoluções importantes, e até, sem tal formalidade, tinha feito voto de nunca se casar.

Quando o correio da tarde trouxe á loja o consentimento formal, Abrahão sentiu-se muito alliviado, e mais satisfeito que n'outra qualquer occasião. Já come-

çava a gozar o seu novo estado. Tinha um ar mais alegre, e o passo mais leve. Trabalhava mais do que nunca, e comtudo fallava com voz mais suave, e as suas maneiras eram mais agradaveis.

A' noite, quando a loja se fechou, Abrahão apressou-se a ir a casa de Bella Okem participar a Maria a morte de sua mãe. Ella desfez-se em pranto; depois sentou-se, encostando a face ás mãos, collocando os cotovelos nos joelhos e olhando para o lume. Havia alguma coisa de terrivel no seu silencio; parece que a envolvia a sombra do seu isolamento no mundo. Abrahão não sabia o que dizer; a sua religião não lhe suggeria palavras com que a podesse consolar. Fallar da bondade de Deus a uma creança como ella, e n'essa occasião, seria repetir palavras sem significação. Felizmente, Bella Okem sabia melhor o que havia de dizer. Apezar de grosseira e sem instrucção, tinha estudado a Biblia. Puxou a creança para si, pôl-a no collo, e fallou-lhe a respeito d'aquelle que é a Resurreição e a Vida; repetiu-lhe em voz baixa a historia de Jesus na campa de Lazaro; fallou-lhe no seu amôr, na sua compaixão, e na sua Graça.

Pouco a pouco voltaram as lagrimas,—essas abençoadas lagrimas que alliviam; até que afinal a creança, rebentando em choro, lançou os braços ao pescoço de Bella Okem, e ambas, choraram e fizeram oração A'quelle que vive e reina eternamente.

Durante todo este tempo Abrahão tinha-se conservado silencioso e perplexo. Apesar do seu grande desejo, não sabia se seria capaz de tomar essa creança sob

a sua protecção, e quasi se chegou a convencer de que não era; comtudo persistiu no seu intento, e, quando Maria socegou mais, pediu licença á Bella Okem para lhe explicar os seus planos.

Agora, que não tinha mãe, elle tomaria entrega d'ella, e havia de a educar e considerar como sua filha.

Maria escutou todo o tempo, com os seus grandes olhos azues fixos em Abrahão, mas sem dizer nada; de modo que o judeu começou a temer que ella se recusasse a acompanhal-o. «Então, querida Maria,» perguntou Abrahão, com alguma hesitação, «queres ir commigo?»

Nenhuma resposta.

«Anda cá, minha filha.» Decerto que n'estas palavras ella conheceu o grande desejo do seu coração, porque correu para elle. Abrahão pegou-lhe satisfeito e cheio d'amor, e chegou-a ao coração. Desde então, comprehenderam-se perfeitamente, e ligaram-se para toda a vida.

Ainda lhe restava um encargo doloroso, o enterro de sua mãe, que devia ter logar no dia seguinte, á tarde. Abrahão pediu e obteve licença para se ausentar n'essa tarde, pretextando que se queria mudar, noticia esta que o dono do estabelecimento recebeu com grande surpreza, mas sem desejar saber mais do que a nova morada do seu caixeiro.

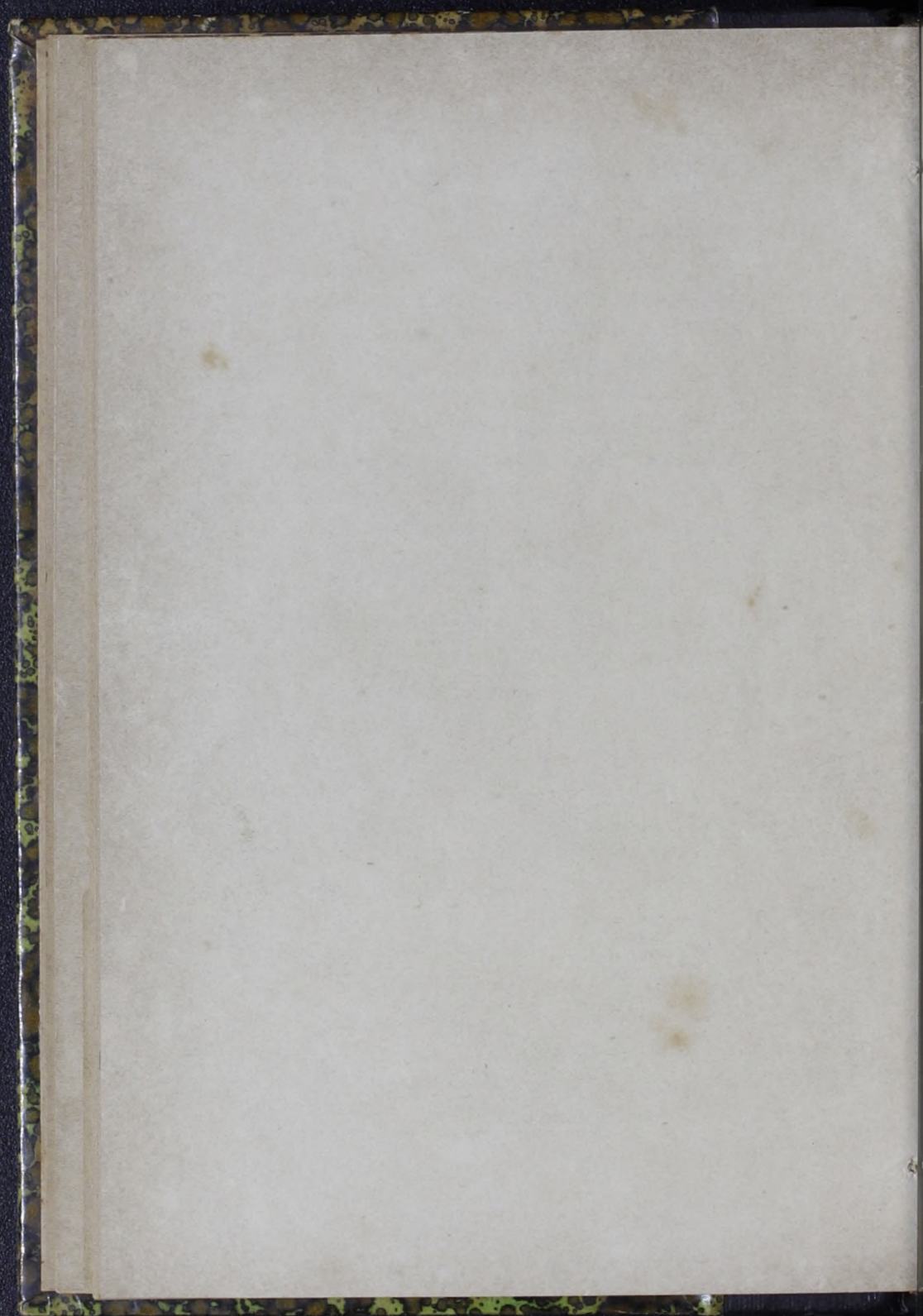
O unico signal de lucto que a pequena trazia, era uma larga fita preta á roda do chapeu, que Abrahão lhe tinha comprado. Alugou um trem, e seguiram a defunta os tres: o judeu, Bella Okem, e a creança no

meio. O feretro passou pelas ruas nobres e concorridas da grande cidade, onde ninguem se importava com a defunta, nem com os que a choravam; passou depressa, porque era o enterro d'uma pobre.

Chegado ao cemiterio, os coveiros pegaram no caixão, e lançaram-n'o para uma cova d'essa fileira onde se enterram os pobres, ainda depois de mortos separados dos ricos como o foram em vida.

A tarde estava nublada, e tiritavam de frio. Maria tomou a mão do judeu, e apertou-a contra o coração. O ministro leu vagarosamente a mais solemne e tocante de todas as orações,—aquella em que se confiam os defuntos á terra até ao dia da resurreição. O judeu nunca tinha ouvido similhantes palavras. Eram proferidas em linguagem que elle não entendia ; e comtudo retumbaram em volta d'elle como vozes do outro mundo. Justamente quando se retiravam da campa, um raio de sol rompeu o denso nevoeiro, illuminando por um momento o ceu, e incidindo sobre o portal da egreja.

Uma coisa estava pesando no coração do judeu, como tambem no da creança, ainda que nada tivessem dito : como poderiam tornar a conhecer essa campa sem nome e sem signal, entre centenas d'outras igualmente sem nome nem signal ?

Quando sairam de casa de Bella Okem, Abrahão notou que já começavam a desabrochar as primeiras flôres, — os narcisos. Abrahão colheu algumas, e tinha-as dado á pequena para deitar na cova sobre o caixão de sua mãe. Plantariam agora um narciso sobre

a campa, para que, pelo seu florescer, esta fosse a precursôra da chegada da primavera.

Maria depressa fez os seus arranjos para a mudança de casa, e Abrahão deu a uma visinha necessitada o pouco fato que a mãe tinha deixado. O mais que restava consistia em duas ou tres peças do vestuario da creança, e d'uma Biblia, que tinha esta simples dedicatoria: «A' minha querida Eugenia, no dia de seus annos, com muitas saudades de sua mãe».

N'esta Biblia, Abrahão metteu com reverencia o fragmento da carta que tinha achado na noite da sua morte. Abrahão estava ancioso por sair d'esta habitação, mas a creança segurava-lhe na mão, e não se arredava d'alli.

«Maria, has de me chamar pae; sim?» Elle queria dizer-lhe com toda a solemnidade — alli, onde sua mãe tinha morrido — que a tomava como sua, que tencionava servir-lhe de pae. «Sim»; mas a creança não se mexia do logar em que estava.

«Meu pae, a mãe não disse nada, absolutamente nada, antes de ir para Jesus?»

Ao ouvir este nome, o judeu hesitou, lembrou-se da palavra que a mulher quasi moribunda tentou pronunciar. Por fim respondeu:

«Disse, sim, minha filha.»

«Então, pae: o que foi que disse?» Elle hesitou por um momento se lhe havia de dizer outra coisa ou a verdade. Mas o olhar fixo da creança orphã, e aquelle logar onde elle tinha visto morrer a mãe, davam á scena um tal caracter de solemnidade, que, mau grado

a repugnancia que isso lhe causava, se forçou a dizer: «Ella chamou pelo nome de Jesus, filha.»

Maria não disse mais nada, mas seguiu-o para fóra de casa; fecharam a porta, e retiraram-se. O nevoeiro tinha desapparecido, e o ceu estava estrellado, justamente como na noite em que ella morreu.

Seria bem fundada a fé da moribunda? Teriam sido ouvidas e attendidas as suas orações?

CAPITULO IV

Em casa

Nos quartos da senhora Viegas as coisas iam melhor e peior do que Abrahão esperava. Aconteceu-lhe como nos acontece a nós. Achou difficuldades onde as não esperava, e não as achou onde estava preparado a achal-as. D'uma coisa, todavia, não havia questão. Entre elle e Maria existia a mais perfeita confiança, era como se elle a tivesse creado de pequena, e andado com ella ao collo. Ella amava-o mais do que faria qualquer neta, pois não tinha mais ninguem a quem podesse amar — nem pae, nem mãe, irmão nem irmã. Com o feliz instincto do coração de creança, parecia comprehender todo o pensamento do velho, e partilhal-o ou reflectil-o. Comtudo nos seus sentimentos havia tambem uma certa reserva, que fazia com que a

creança se approximasse d'elle quasi a medo. Não queria isto dizer que a creança nunca tivesse reconhecido o cuidado e a ternura d'esse homem, nem mesmo que ella o não julgasse como o mais bom e santo que havia no mundo; mas o que a dominava era a impressão d'aquella primeira noite do conhecimento, quando o nome d'elle se lhe associou no espirito com a historia da Biblia que apresenta Lazaro recostado no seio de Abrahão. Pensando n'isso, ficou um pouco confusa pelo facto dos dois nomes pertencerem ambos a seu pae; mas concluiu tudo a favôr de Abrahão, lembrando-se de que elle se tinha chegado para sua mãe quando jazia sobre as palhas, e depois recebido e amado a filha. Portanto, para ella ficou sendo sempre «Pae Abrahão». Sem duvida que se não tinha esquecido do passado. Todos os accidentes d'essa noite em que a levaram para casa de Bella Okem, a despedida de sua mãe, o logar onde ella jazia, e as demais circumstancias que concorreram, estavam impressas no seu espirito tanto ao vivo, que ás vezes accordava de noite em sobresalto, e espreitava na escuridão, esperando achar no canto do quarto a figura gemente da pobre moribunda. Apezar de tudo isto, desde o momento em que fecharam a porta do albergue em que ella tinha vivido e morrido, a Mariquinhas nunca mais mencionára o nome de sua mãe.

A senhora Viegas achava isto estranho na creança; mas seu irmão Josias, apezar de nada dizer, tinha de si para si outra opinião.

Ao principio a senhora Viegas tentou muitas vezes travar conversa com a creança a respeito de sua

mãe, já para saber alguma coisa da sua vida, já pelo costume que muita gente tem de esgaravatar as feridas dos outros, talvez para lhes alliviar a dôr.

Maria, porém, nunca lhe dizia palavra: sentava-se, e fixava n'ella os seus grandes olhos azues, mas as suas vistas em vez de se perderem pelos folhos da touca da senhora Viegas, vagueavam muito álem por outro mundo.

Por fim deixou-se d'isso, não vindo a saber mais do que tinha ouvido dizer a Lazaro — que a creança era sua neta, e o chamava «Pae Abrahão.» Isto era outra coisa exquisita; na verdade eram tantas as coisas extranhas, que havia n'essa creança, que a tornavam differente das outras creanças. A boneca mutilada que tinha trazido era tambem o cumulo da exquisitice; mas nunca brincava com ella. Tinha-a posto de lado n'uma gaveta, sósinha, com um pedaço de fita preta enrollada por baixo da cabeça á maneira de travesseiro!

Mas, por outro lado, Maria era uma joiasinha, e a senhora Viegas e seu irmão vieram a querer-lhe muito. Na verdade era querida de todos; querida na escola, e querida em casa; querida da Bella Okem, que, quando vinha visital-a, persistia em chamal-a Mariquinhas. Sobretudo era muito querida de Josepha, a velha creada falladora, que só podia mostrar a sua admiração abanando a cabeça d'um modo significativo, e a sua affeição esfregando os olhos com os nós negros e endurecidos dos dedos até deixarem signal no rosto. Maria sentava-se horas esquecidas n'um banquinho aos pés da senhora Viegas, a ler ou a pensar. Em geral a

senhora Viegas approvava esse silencio, especialmente quando não era traiçoeiro, não tendo por fim mexer em coisa alguma no quarto. Mas quando perguntava á creança em que pensava, as suas respostas inquietavam-n'a mais do que o seu silencio. Scismava se nos ceus nos conheceremos uns aos outros; e se só fallaremos em coisas boas; se conheceremos aquelles que nos foram desconhecidos na terra; se Deus nos dirá tudo que tem acontecido no passado, e o motivo porquê!

Taes perguntas embaraçavam tanto a senhora Viegas, que se qualquer outra, a não ser Maria, lh'as tivesse feito, tel-as-hia considerado como inconvenientes.

Emquanto a Josias, elle tinha uma fé immensa no juizo da pequena. Quando ao voltar da cidade sua irmã lhe contava os ditos da sua predilecta, ou por acaso elle os ouvia, mostrava os seus pensamentos pela palavra «admiravel!» A expressão, comquanto verdadeira, attrahia sobre elle um franzimento de sobrancelhas, acompanhado da admoestação, «Josias!» como se dissesse: Um tal homem estar admirado! Mas ainda que Josias, como homem prudente que era, abandonava uma ideia quando a sua irmã se preparava a combatel-a, ficava a este respeito sempre da mesma opinião. Josias era homem pouco activo; no escriptorio era atormentado pelos caixeiros mais novos que sabiam tão bem ou melhor do que elle, e não viria a melhorar a sua posição, alem do salario de setenta e cinco libras esterlinas por anno.

Tudo isto e muito mais, que na cidade era desco-

nhecido, elle soffria com a maior paciencia e bom humor, a ponto de quasi merecer o appelido de «pacato» nome pelo qual era conhecido entre os amigos.

A Josias, fosse qual fosse o modo pelo qual era permittido expressar-se, a creança tinha dado uma vida nova. E aconteceu que, antes de passar muitas semanas, a pequenita estava muito satisfeita com as suas novas relações. Mais tarde decidiu-se que tomaria a principal refeição com os Viegas, e ficaria com elles até que Abrahão voltasse da loja. Em seguida, concordaram que ella acompanharia os Viegas á egreja. Mas Abrahão insistiu em tel-a comsigo todas as noites, convenção que foi plenamente approvada pela pequena.

A outro respeito tambem Abrahão tinha sido bem succedido. Evidentemente a creança não tinha a menor suspeita de qualquer differença de religião entre elles.

Todas as manhãs, muito cedo, Abrahão fazia as suas devoções no seu quartinho, e depois fechava com muito cuidado todas as franjas, e o livro de orações. Ao sabbado ia á synagoga, e ao Domingo tinha um ponto costumado aonde ia.

Maria confiava demais n'elle para o interrogar a esse respeito, mesmo porque em resposta ás suas perguntas, elle lhe tinha dito uma vez que sempre ia á egreja. Assim na sua imaginação, via uma pequena egreja muito socegada onde o pae ia todos os Domingos. Domingo de tarde o judeu levava-a sempre á classe dominical—quer dizer, levava-a á esquina da rua onde estava a egreja e o collegio. Ahi deixava-a, por-

que não desejava que o vissem perto d'um logar de culto christão. Alem d'isso para dizer a verdade, a sua proximidade causava-lhe una sensação curiosa, como se abafasse, e quando lhe largava a mão, ella corria alegremente para a aula, olhando para traz de vez em quando, porque Abrahão estava observando, prompto a soccorrel-a se algum rapaz mal-creado, contendesse com a sua joia, mas ninguem jamais se metteu com ella; o mais bruto e mal-creado entre todos elles se afastava para deixar passar a creança timida. Muito depois da sua figura ter desapparecido por dentro das grades de ferro, pelas escadas que iam ter á aula, ainda elle se achava no mesmo logar olhando para as pedras, que ella tinha pisado, e figurando as creanças que se sentariam a seu lado na classe. E quando o hymno de louvor que saía dos labios das creanças soava até onde elle estava, e subia ao ceu por sobre a grande cidade, scismava que parte d'aquella melodia sairia dos labios da sua Mariquinhas, e seria a primeira a chegar aos ouvidos d'aquelle que está no ceu.

Depois bem contra vontade voltava para traz, e passeava pelas ruas frias, esquecendo-se do gelo ou da chuva, do nevoeiro ou do vento, esperando até que a aula acabasse, para outra vez ir ao encontro da sua filha á esquina da rua; e de mãos dadas voltavam para casa.

Maria era o seu deleite e a sua alegria. Cem vezes por dia elle confessava que não podia haver ente mais querido a outro em todo o mundo que a sua Mariquinhas e era para elle; e ao pensar n'ella estreme-

cia, porque lhe vinha á idéa a vaga apprehensão que lh'a podiam tirar. Em geral guardamos o que nos é mais querido, com mão tremula. Ella tinha ar fatigado; parecia cançada. Que lhe poderia elle fazer? Oh! muito desejava elle ser rico para a rodear de todas as commodidades!

Mas, quando chegava a casa depois do primeiro olhar inquieto esquecia-se de tudo ao ver a alegria e carinho com que o recebia. Na verdade era o seu tudo, a flôr dos seus olhos, a planta que se tinha enroscado á roda d'elle, e se entrelaçava com cada fibra. Nunca se aborreceria de a observar. Todavia muitas vezes no auge do seu gozo, a mais aguda dôr lhe trespassava o coração, até que lhe vinha dos labios, e só com difficuldade podia supprimir um grito de angustia.

Assim suspirava quando á esquina da rua a observava entre as outras creanças, ou quando se sentava a seu lado. O que seria se a creança lhe não fosse tirada, mas elle lhe faltasse? Então passava-lhe a mão pela loira cabelleira e pelo rosto macio.

Coitada! achava-se só no mundo — inteiramente só! N'essas occasiões Abrahão sentia-se velho—muito velho; e esse sentimento o tornava ainda mais velho e corcovado debaixo do pezo do cuidado, emquanto que o beiço lhe tremia e as mãos estavam tremulas. A creança adivinhava-lhe os pensamentos, ou, como elle se sentia opprimido pelas trevas que o rodeavam, seria ella que se elevava além, e para a luz?

A primeira vez que sentiu como se uma sombra escura a cobrisse, alcançou consolação dizendo com doçura:

«Pae Abrahão!»

O velho abanou apenas a cabeça, não se atreveu a responder. Como não recebesse resposta voltou-se para seu outro Pae, que nunca deixava de lhe responder e começou:

«Pae Nosso, que estaes no ceu;» e assim continuou na sua fé de creança, com a oração até que progredindo, a voz se lhe tornou mais forte e clara.

Abrahão escutou: um raio de luz penetrou-lhe as trevas, e como ella repetisse essas petições uma por uma, com a confiança d'aquelle cujas orações vão direitas ao ceu, as lagrimas corriam-lhe em fio; e o judeu baixou a cabeça com reverencia e disse: «Amen,» ainda que não tivesse comprehendido tudo, mas sómente que havia um Pae no ceu, a quem Maria chamava Pae Nosso, que velaria por ella. Se o pae Abrahão tivesse ao menos comprehendido, elle se teria lembrado de que:

«Os anjos nos ceus incessantemente estão vendo a face de meu Pae que está nos ceus.» S. Mat. XVIII-10.

Mais tarde, quando muitas vezes as sombras d'este grande cuidado ameaçavam reunir-se á roda d'elle, pedia á creança que repetisse o «Padre Nosso» até que o judeu conhecia e amava o balsamo que suavisava o seu coração.

Ainda havia outra coisa que apoquentava Abrahão, para a qual parecia não haver remedio.

No curto intervallo que mediava desde a morte de sua mãe até então, a pequenita mudára muito; tinha posto a boneca de lado—terna mas completamen-

te, como coisa do passado. A sua occupação predilecta era estar com a Biblia de sua mãe; Biblia bem usada, com muitas passagens intercaladas. A pequena tinha lido muitas vezes todos os versos annotados.

Começou a ver que havia um fio que os ligava e reunia em um, mas não conseguiu entender a sua significação. Na verdade, como marcos de pedra pelo caminho, marcavam a historia da pobre mulher que tinha morrido—primeiro, a vida interior e depois a exterior. Aqui estavam as palavras intercaladas que lhe ensinaram o que ella era, e que a levaram gradualmente aos pés de Jesus, e ahi a consolaram e guardaram, até que pelas palavras subiu A'quelle que é a Palavra viva. E havia a outra historia tambem — a de sua vida infeliz,—que do mesmo modo marcava na sua Biblia o modo como passo a passo pela noite escura a palavra trouxe luz e alegria ao seu coração. Mas como podia Abrahão explicar isso á netinha—pois que a nenhuma outra pessoa faria ella taes perguntas?

«Pae Abrahão, vêde; este Evangelho está todo cheio de annotações. Porque é isso?»

Lazaro hesitou um pouco. Elle não conhecia o Evangelho de S. João, que a creança apontava. Viu que não era o mais comprido; e então arriscou-se a dizer que assim ensinava mais.

«Ensina?» perguntou a pequena Maria. «Bem, eu gosto d'elle, Pae Abrahão; mas não o entendo todo. Vossemecê entende? Olhe veja!» E apontou a primeira passagem marcada, que era a historia da entrevista entre Nicodemos e o Salvador, e leu-a em voz alta.

Certamente que a admiração de Lazaro não era inferior ao embaraço de Maria. Estaria aquillo na Biblia Christã?

Maria continuou até chegar ao fim do versiculo decimo terceiro. «Não o entendo melhor do que aquelle que era mestre entre os Judeus. Que quer isto dizer, pae Abrahão?»

—Lê mais adiante, minha filha,—disse Lazaro, por não lhe poder dar outra resposta.

Maria leu até acabar a historia que o Senhor ensinou a Nicodemos n'essa occasião.

N'essa noite esteve mais pensativa do que de costume, mas não fez mais perguntas.

Outra noite attrahiram-lhe a attenção umas linhas que traziam parte da vida exterior da mãe á luz da sua experiencia interior. Leu do capitulo quarto da Epistola aos Filippenses estas palavras, «Alegrae-vos.»

A creança levantou os olhos para Abrahão, e depois continuou: «A vossa modestia seja conhecida de todos os homens.» Isto não estava marcado; mas estava a phrase seguinte: «O senhor está perto.»

«Que quer isto dizer? De quem está elle perto?»

Abrahão lembrou-se do expediente que já tinha tomado e disse-lhe que lesse para diante; a creança continuou: «Não tenhaes cuidado de coisa alguma: mas com muita oração e rogos, com acção de graças sejam manifestas as vossas petições diante de Deus.» A pequena não disse mais, fechou o livro e ajoelhou-se.

Eram horas da oração da noite, e repetiu-a justamente como sua mãe lh'a tinha ensinado, e como cos-

tumava fazer. Mas depois de ter acabado, deitou a cabeça sobre o joelho de Abrahão e continuou ajoelhada. Estaria ella fazendo as suas preces a Deus? Abrahão não a queria interromper — temia que ella pedisse para lhe ensinar uma outra oração. Por fim levantou-se com olhar vivo e alegre, e beijando Abrahão deu-lhe as boas noites. De certo que estava misturando «acções de graças» com «orações e supplicas.»

Depois d'esta noite, logo que Maria fazia as orações do costume em voz alta, ficava por algum tempo ajoelhada em silencio ao pé do velho; mas nunca pediu que lhe ensinasse uma oração nova.

Assim se passou o inverno e a primavera. Veiu o verão e foi-se, com seus grandes calores, deixando Maria com o rosto mais abatido e pallido do que d'antes.

Seguiu-se o outomno e voltou o inverno. Mais uma vez n'aquelle cemiterio tão cheio, desabrochou o narciso, a primeira das flôres, apesar da coberta de gelo que envolvia tudo, e destacou a campa da pobre, entre as fileiras de campas sem nome. E a primeira a descobrir a flôr foi Maria, quando se curvou sobre a cova com o rosto pallido e fatigado. N'essa noite poz a primeira flôr que colhera, na sua Biblia, ao lado d'aquelle trecho que nos diz: «Não tenhaes cuidado de coisa alguma.» Na verdade este trecho tambem era uma da campa de sua mãe.

CAPITULO V

A cruz sem corôa

O inverno foi prolongado e triste, mais frio do que de costume. O mez de Novembro parecia estender-se até Abril, e o de Março até Maio. Um nevoeiro espesso e frio pendia sobre os botões que começavam a abrir, e um vento penetrante do nascente engelhava e murchava as folhas novas. Muitas vezes Maria voltou do collegio molhada e a tiritar de frio. Os flócos de neve que caíam como estrellas e flôres sobre seus hombros e sobre seus cabellos loiros, brilhavam e luziam, e a creança corria alegremente debaixo d'elles, sacudindo-os quando chegava ao pé de Josepha, batendo com os pés e rindo-se com uma alegria infantil.

Mas, não acontecia o mesmo quando a chuva fria e penetrante lhe ensopava o fato e os cabellos, a geada se derretia no peito, e o vento agudo e penetrante lhe adormecia os membros, e lhe entezava as mãosinhas. Em taes circumstancias a pequena não se atrevia a apparecer no tapete escrupulosamente asseado da senhora Viegas. Mas Josepha sabia o que devia fazer; pegava na creança e depressa lhe tirava os sapatos e o fato humido, e vestia-a com um trajo que, apesar de esquisito, tinha a vantagem de ser o mais conveniente.

Maria parecia deveras original, com a parte superior do corpo embrulhada n'um cobertor, e a inferior caricatamente involvida em certos artigos de vestuario pertencentes a Josepha, o mais notavel dos quaes era um

par de meias de lã muito grandes, nas quaes nem o feitio dos pésinhos nem das pernas se podia distinguir. A pequena ficava meio sentada e meio deitada sobre o tapete diante d'um grande lume, emquanto que Josepha descia a preparar uma chavena de chá, sem fazer caso de qualquer campainha que ouvisse tocar, ainda que fosse para levar um copo de agua ao padre que estava fazendo a sua visita espiritual á senhoria.

E quando Josepha voltava pouco depois, achava a pequenita muito confortada «tão quentinha» com as faces rosadas e os olhos brilhantes, a maior parte das vezes olhando attentamente para a Biblia de sua mãe, e tentando comprehender e juntar as passagens que estavam marcadas. A pobre Josepha sentia-se completamente feliz ao ver que a sua joiasinha tinha tão depressa vencido o frio. Nunca lhe veiu á ideia que o frio indicava muito menos perigo, do que o grande calor; mas uma noite as faces vermelhas da creança, attrahiram-lhe a attenção, não communicando comtudo os seus receios a pessoa alguma.

Foi n'um sabbado á noite, e como era de costume, Abrahão veiu mais tarde, porque pertencendo a loja a judeus, tinha estado fechada durante o dia, e tornara-se a abrir depois do sol posto. Josepha tinha-se sentado ao lado da pequenita, e olhado para ella em quanto lia, pensando se jámais se tinha visto uma carinha que parecesse tanto a d'um anjo.

«Josepha!» A creança levantou os olhos do livro, conservando o dedo sobre a passagem marcada; mas

hesitou; era a primeira vez que se atrevia a fallar a um estranho sobre o assumpto.

Por fim animou-se vendo a ternura dos olhos quo que a fitavam.

«Josepha, vocemecê gosta da sua Biblia?

Josepha ficou espantada. «Oh! que pergunta, menina! Bem sabe que eu não sou instruida.» Depois d'um curto silencio, accrescentou tristemente: «Eu não sei ler, menina!»

Maria ainda a fitava com seus grandes olhos azues. A pobre Josepha chorava; d'esta vez não esfregou os olhos com as mãos negras, mas deixou caír as lagrimas, escondendo o rosto com a ponta do avental. Pobre Josepha! Quem jámais se tinha importado d'ella, ou lhe tinha fallado da sua alma? Uma vez — sim, ha muitos annos — *ia por costume* á egreja da villa onde vivia, longe da grande cidade, entre campos verdes, onde o ceu era azul, os passaros cantavam, os rainunculos e as margaridas se viam nos prados, o feno dava um aroma doce, e os pomares estavam carregados de ricas fructas. Desde então, ah! tinha sido só trabalhar, trabalhar, uma rotina triste de trabalho, sem palavras carinhosas para a animar, e sem amor ou sympathia que a ajudassem a supportar a sua vida, sem outra perspectiva futura senão trabalhar, trabalhar, trabalhar, até cair na sepultura.

Peior do que tudo, não lhe restava a esperança de vir um dia a ser feliz! Não admirava que ella chorasse amargamente quando Maria apontou na direcção d'um futuro eterno que para ella era todo de trevas. A

pequena assustou-se muito ao ver a afflicção de Josepha — ainda mais por não lhe comprehender a causa.

«Escute-me Josepha, e eu lhe leio — quer?»

A creada, que escondia o rosto com a ponta do avental, acenou com a cabeça que sim. A' medida que a creança lia, o avental caía e dois olhos esfomeados se fixaram sobre a pequena mestra. Ai! meu leitor, se comprehendessemos as necessidades profundas da alma d'aquelles com quem lidamos todos os dias, a pobreza de seus espiritos, e o grande desejo que teem de possuir a consolação que só o evangelho lhes pode supprir, não seriamos tão descuidados e egoistas no nosso procedimento para com elles, e não se ouviria no grande tribunal dos ceus, este terrivel, mas infelizmente verdadeiro testemunho levantado por tantos homens, mulheres, e creanças christãs, «Ninguem se importou da minha alma». Não devemos eximir-nos do nosso dever para com os outros. O Christianismo é implantado pela mão diligente d'aquelles que regam, o que semeiam, com lagrimas de amor e com a oração da fé.

Maria começou, parando de vez em quando, como que para saborear o que lia.

«Todo o que o Pae me dá, virá a mim, e o que vem a mim, não o lançarei fora.» A creança repetiu as ultimas palavras, como se quizesse sublinhal-as. «O que vem a mim, não o lançarei fóra.»

Seguiu-se uma longa pausa.

Tanto Josepha como Maria estavam meditando, á sua moda, sobre essas palavras. Em seguida a creança continuou lendo em voz baixa, até chegar a este ver-

siculo. «Esta é a vontade d'Aquelle que me enviou: que nenhum perca eu de todos aquelles que elle me deu, mas que o resuscite no ultimo dia.»

Maria fechou o livro; não se sentia com forças para continuar. Já tinha aqui o sufficiente e mais de que sufficiente para poder meditar.

Um raio de luz tinha caido sobre a creança e penetrado no seu coração.

Banhada n'essa luz, o evangelho lhe appareceu em toda a sua simplicidade e belleza, em toda a sua amplitude e riqueza. Tinha penetrado tambem até á pobre Josepha. Parecia-lhe ouvir outra vez ao longe o repique dos sinos da egreja da sua aldeia pelo Natal annunciando a boa vinda de um poderoso Salvador. Enxugou as lagrimas, beijou a pequena, e saiu a passos lentos do quarto. Essa noite Josepha fez oração A'quelle que não lança fóra o que vae ter com elle.

Quando por fim, Abrahão voltou da loja, fez-lhe impressão a vermelhidão do rosto da creança. As suas meiguices mesmo, e as palavras ternas não poderam banir a inquietação do seu espirito. Essa noite, muito depois d'ella adormecer, ainda elle a vigiava. Que seria feito d'elle—d'ella? Só Deus sabia! comtudo esse Deus, ainda que nominalmente uma Pessoa, era na realidade só uma abstracção para elle, porque não o conhecia em Christo.

Abrahão resolveu uma coisa. D'aqui em diante havia de estar, sempre que podesse, com ella. Muitas vezes sem necessidade se tinha privado da sua companhia; não o faria mais. Em vista d'esta resolução, o velho ju-

deu ficou em casa a manhã seguinte pretextando uma causa qualquer. D'este modo teve Maria comsigo até ao tempo do culto e depois de elle terminado. De tarde acompanhou-a como de costume á aula. Ainda que a estação estivesse adiantada, fazia muito frio, e um nevoeiro espesso côr de chumbo pendia sobre as ruas. Depois de se apartar de Maria passeou apressadamente de um lado para o outro.

As ruas tornavam-se menos tristes e frias á medida que os candieiros se iam acendendo.

Abrahão tinha o coração opprimido. Pouco a pouco foi-se chegando ao logar onde estava a egreja, e por baixo, a aula.

O velho estava entorpecido e meio tonto pelo peso que o opprimia. Ao fim d'aquella escada por onde a pequena tinha desapparecido com as companheiras, não parecia fazer tanto frio e estaria mais isolado. Lentamente e com precaução o judeu desceu, respirando com medo e hesitando a cada passo. Ninguem devia sabel-o, ninguem o devia ouvir; elle só desejava abrigar-se, perto d'onde estava Maria. Abrahão sentou-se no ultimo degrau da escada. As lições das varias classes tinham terminado, e todas as creanças estavam reunidas para ouvir a ultima pratica. Não era facil ouvir tudo quanto estavam dizendo. Abrahão dizia para comsigo que isso não lhe importava, mas, apezar d'isso escutava com attenção. Houve uma parte que o judeu ouviu distinctamente: foi o que leram da Biblia. Veiu-lhe como de Deus pelos labios das creanças. «Elle disse a seus discipulos: «Portanto vos digo, não andeis cuidadosos da vos-

sa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis.»

As palavras chegaram-lhe como uma novidade estranha; revelavam-lhe um aspecto de religião pratica cuja possibilidade nunca tinha nem mesmo ante visto. Seguindo o que estavam ensinando, que era apresentado na sua maior applicação e com admiraveis illustrações, sentiu que o peso que lhe opprimia o coração pouco a pouco o ia deixando. As nuvens escuras já não se perseguiam uma a outra na sua fuga furiosa. Uma luz suave caía sobre as açucenas, adornadas com toda a sua magnifica belleza, e sobre os passaros descançando nos seus altos ninhos. Abrahão não ouviu mais; entregou-se á influencia consoladora e á meditação, e só voltou a si ao ouvir o hymno final, e retirou-se apressadamente para o ponto de reunião.

Lição mais apropriada ou de que elle mais necessitasse, não podiam ter escolhido em todo o livro de Deus. Porque, alem do cuidado que tinha pela pequena, pesava justamente sobre elle o mesmo cuidado de que o Senhor, n'essa lição, tinha ensinado seus discipulos a desembaraçarem-se.

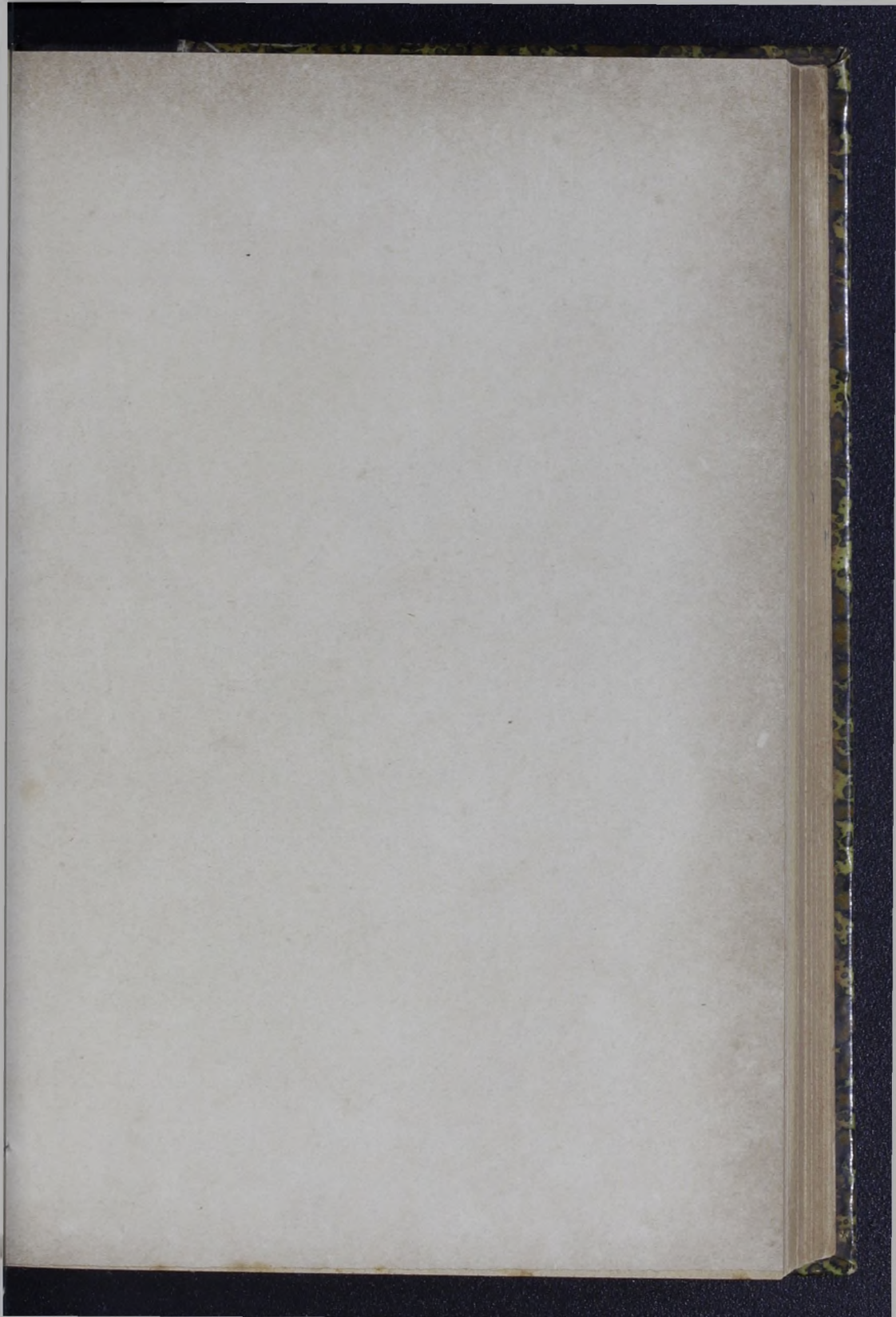
Nos seus cuidados por Maria o judeu tinha mudado a applicação das suas economias. O negocio novo era um que Abrahão no intimo do coração reprovava, e cada vez mais lhe ia desagradando, visto que o seu caracter se elevava pela pureza do de sua filha, e conhecia que era vergonhoso prover-lhe com dinheiro ganho pela usura; mas a tentação era grande.

Tudo que Abrahão possuia era pouco mais de cem

libras; a cinco por cento rendia-lhe só cinco libras por anno. Quanto tempo levaria a accumular o sufficiente para «constituir um dote, para a pequena, caso falhassem os seus planos de a educar para mestra, ou dama de companhia? Abrahão tinha indagado particularmente quanto seria necessario para estabelecer a pequena —ou n'uma loja de bordados, ou de papel, ou de miudezas. Pois bem, o guarda livros da loja offerecia-lhe elle menos quinze por cento. Verdade era que não havia muito tempo que estava na casa, e apesar de ser bem parecido, e de ter maneiras delicadas e honestas acima da sua posição, havia o quer que fosse na sua apparencia de que Abrahão não gostava.

Talvez fosse porque, sendo elle christão, Abrahão estivesse d'antemão prevenido contra elle.

Comtudo o guarda livros gosava da confiança illimitada da gente da loja, que eram judeus, e era considerado como homem de boas contas. Assim Abrahão deixou-se persuadir e confiou-lhe quasi tudo o que tinha, para empregar em certas especulações de letras a desconto, para rapazes cuja habilidade em gastar dinheiro excedia a esperteza de o ganhar. O juro do primeiro trimestre foi pago promptamente, mas desde então Abrahão notára que o guarda livros evitava conversar com elle.

Abrahão tornou-se cada vez mais inquieto, mas nada dizia porque era timido de mais—talvez possuisse demasiadamente aquelle sentimento delicado que se encontra em muitos judeus, mesmo nos mais humildes —de não se entrometter.

Mas n'aquelle sabbado á tarde as suas suspeitas tinham sido mais do que nunca despertadas. Foi na tarde seguinte áquella em que a lição na aula Dominical tinha consolado o seu coração.

O homem, cujo fardo lhe é tirado de repente, sente-se mais alegre do que aquelle que jámais sentiu o seu peso.

Esse Domingo de tarde foi talvez o dia mais feliz que Abrahão jámais passou. Maria estava parecendo muito bem e muito satisfeita, e declarou que quasi se não sentia cançada. Por isso o judeu deu mais attenção do que de costume ás orações da creança; tentou mesmo seguir a sua devoção secreta, e respondeu «Amen», quando ella, que estava de joelhos, se levantou.

A manhã seguinte esteve clara, e fazia sol, como se estivesse em harmonia com o seu espirito.

A loja estava como de costume, e tudo parecia seguir o curso diario. Uma hora mais tarde, Abrahão foi chamado ao escriptorio. Um só olhar lhe encheu o coração de terror; alguma coisa tinha evidentemente acontecido. O director da firma, homem de meia edade, usando uma profusão de joias, de cabello preto encaracolado, pelo qual corria os dedos durante a conversa, virou-se asperamente para elle.

«Lazaro, aqui tem o seu salario de duas semanas,» disse elle apontando para um pequeno monte que estava sobre a mesa. «Não precisamos mais do seu serviço.» Em seguida voltou-se para a escripta, como inconsciente da sua presença.

Lazaro ficou por algum tempo como uma estatua,

sem poder dizer palavra ou mecher-se. Tornou-se pallido, os beiços tremulos, e todo elle convulsivo. Havia quasi vinte annos que estava n'essa loja, e ser agora despedido d'uma maneira tão subita como se fosse um criminoso, lançado ao mundo com a creança! Tudo isto passou pelo seu espirito, assombrando-o em vez de lhe suggerir alguma inspiração. Por fim encheu-se de coragem para dizer:

«Por piedade, snr. Alvaro, que quer isto dizer? Que fiz eu?»—

O snr. Alvaro continuou a escrever, como se tudo dependesse de acabar a pagina em que escrevia. Mas Lazaro estava quasi desesperado. Approximou-se e pondo-lhe a mão no braço, chamou a sua attenção. Havia na verdade alguma coisa na sua voz que pedia resposta.

«Snr. Alvaro, oiça-me! Ha quasi vinte annos que estou ao seu serviço, e nunca teve accasião de me censurar. Sou o mais velho na sua casa.»

O snr. Alvaro agitou-se e passou os dedos pelo cabello encaracollado.

«Agora despede-me como um cão, como um ladrão —a mim, um velho, agora—agora» e o velho Lazaro desfez-se em pranto, e encostou-se á mesa para se suster.

O senhor Alvaro não era homem de mau coração. Façamos-lhe justiça, sentia-se n'aquelle instante bem triste. Em qualquer occasião teria jurado que uma capa do panno mais ordinario era pura lã. Mas isso era muito differente de pôr fóra um velho que tinha visto sempre na loja desde que entrou quando era rapazito. Seguiu-se uma pausa dolorosa.

«Ao menos diga-me qual é a minha culpa,» rogava Abrahão. «Talvez que possa explicar ou.....»

«Não, não,» interrompeu o snr. Alvaro, cujo fim era terminar a entrevista. «A verdade, Lazaro,» disse inconsideradamente, «é que eu não tenho culpa. A comcompanhia assim decidiu. Sabe que eu sou bom judeu, etc.» e o snr. Alvaro brincou com a cadeia grossa do relogio «mas não podemos ter um apostata—não, não podemos,» e o snr. Alvaro deixou cair a corrente.

«Apostata?» murmurou Lazaro, comprehendendo difficilmente a significação da palavra.

«Sim, apostata!» reassumiu o snr. Alvaro, querendo parecer muito zangado. «Não gostei quando mudou de fato; depois porque deixou o seu aposento antigo? E agora» o snr. Alvaro deixou cair a mão com força—«saiba que o viram entrar nas egrejas christãs. Saiba-o! foi visto, Lazaro,—sim, foi visto!» e como para evitar a possibilidade d'uma resposta, o snr. Alvaro pegou no chapeu e saiu apressadamente do escriptorio.

Um suor frio lhe inundou a fronte. Era isto! Quem o teria calumniado? Elle nunca tinha entrado n'uma egreja christã em toda a sua vida.

O que mais se approximava a isso era o que tinha feito na vespera, quando se sentou á porta da escola dominical por baixo da egreja. Tel-o-hiam visto, e ajuizado mal d'isso? Não podia deixar de ser obra d'um inimigo.

Mas Lazaro, segundo julgava, não tinha um inimigo no mundo. Nunca tinha feito mal a ninguem.

Quem lhe teria tanto odio para assim o perseguir? Por um momento, passou-lhe pela idea, como um sopro da terra das sombras, que era tudo por causa da creança. Apenas se lhe formou a idea repelliu a tentação com horror. O revez da maré da bemquerença entrou com maior força. Ella era o conforto e alegria do seu coração. Ainda que perdesse tudo o mais, restar-lhe-hia ella, e com isso se julgava feliz e rico. Um pequeno esforço, e acharia outro emprego—talvez ainda melhor.

Até então não poderia dizer coisa alguma á creança, do que tinha acontecido. Em todo o caso, não lhe poderia explicar a causa da sua demissão, que só lhe causaria inquietação e soffrimento desnecessario. Entretanto iria regularmente á cidade, como de costume, e empregaria o tempo em procurar que fazer.

Abrahão estava certo de que não lhe havia de faltar. O seu caracter era sem mancha, e elle era capaz e tinha boa vontade de trabalhar. Deus não o abandonaria porque tinha a pequena Maria a seu cargo. Repetia para si o que se lembrava da lição de Domingo, e não sei como, juntava-lhe aquella oração que ouvia sua filha repetir todas as noites. «O nosso Pae» nos dará o pão de cada dia.

Não obstante, Abrahão não foi feliz nas suas tentativas. Um logar estava preenchido; para outro tinha idade de mais; para outro não tinha forças bastantes; um quarto já tinha gente de mais.

Diversas vezes esteve a ponto de ser empregado. Mas as informações não eram satisfactorias; porque

quando Abrahão voltava segunda vez, cheio de esperança, mandavam-n'o embora com mau modo. Pouco a pouco reconheceu evidentemente que era victima da perseguição judaica. O supposto apostata devia ser esmagado, perseguido como uma fera, e destruido; e isso por pessoas que não se importavam nada como o judaismo, mas que tinham sido creadas na sua communhão e não permittiam que pessoa alguma a abandonasse.

Assim se passaram algumas semanas tristes. A esperança, que se esvae, afflige a alma, e Lazaro vacilava no andar, e curvava-se.

Até a creança notou a mudança, e anciosamente examinava o seu rosto abatido quando voltava de tarde, a ponto de o velho se afastar com medo de se debulhar em lagrimas. Tambem o apoquentavam cuidados financeiros.

Soube por um bilhete do guarda livros que o dinheiro que lhes tinha confiado, não o poderia receber senão passado algum tempo; effectivamente não tinham marcado o praso em que deveria ser pago. Que faria elle? O pouco dinheiro que tinha comsigo estava quasi gasto, apesar de Abrahão no seu grande desejo de o fazer durar o mais possivel, ter gradualmente diminuido a sua refeição do meio dia, até que actualmente consistia n'um pedaço de pão secco.

Não obstante tudo isto era necessario trocar a ultima libra. Depois que faria? Não havia perspectiva de trabalho. E a pequena? O que lhe aconteceria? — Morrer á fome, ou ir para o asylo.

Foi n'uma manhã dos fins de maio que Abrahão

resolveu fazer uma ultima tentativa na cidade. Desgraçadamente falhou, como as outras, só com a differença de que o homem da loja, que era judeu, lhe disse asperamente que era escusado cançar-se, porque nunca conseguiria alcançar trabalho.

Abrahão já o sabia; nada respondeu, e abaixando humildemente a cabeça, saiu.

Abrahão dirigiu-se pelas ruas concorridas, pelas travessas estreitas, e caminhos de muito transito, apresou o passo mais e mais, quasi inconsciente do que fazia, com um só fim em vista — afastar-se da multidão e achar-se só. Estas palavras o acompanhavam sempre, e soavam-lhe aos ouvidos, imaginava vel-as sobre as portas das lojas — morrer á fome, ou o asylo!

Passou para o lado occidental, pelas ruas e praças da moda, onde os lacaios polvilhados estavam mandriando ás portas, ou o moço da estrebaria segurando o cavallo esperando alguma senhora ou senhor. Atravessou a parte occidental da cidade e entrou no Parque. As arvores estavam todas cobertas de folhas, e a relva muito fresca e verde.

Aqui e ali viam-se grupos de creanças brincando alegremente. Cavalheiros sós, ou com suas filhas passoavam animadamente. Nenhuma tão bonita, nem que se podesse comparar com a sua Maria. Pobre Maria! que seria feito d'ella? morrer á fome, ou ir para o asylo! oh! como achar-se longedos homens—de homens e mulheres e creanças felizes — com a sua amarga dôr; elle contra quem, todo o mundo se tinha virado, sem a

minima esperança, e em cujo coração ia entrando o desespero.

Desejava estar só! Abrahão apressou o passo até chegar a uma parte retirada do parque. Olhou para um e outro lado, não avistou ninguem. Pela primeira vez sentiu-se um tanto alliviado. Ao menos agora poderia entregar-se á sua dôr. Se podesse morrer n'esse instante! o velho judeu estava fraco e cançado; nem sequer tinha comido a sua côdea de pão. Quasi desfallecido, atirou comsigo para um banco. Desanimado, na agonia do seu espirito, poz a cabeça entre as mãos e chorou amargamente. O seu coração estava triste como a noite. Dizia comsigo que era excusado fazer oração, e comtudo orava. Entre todas as orações hebraicas não havia nenhuma propria para a occasião e para o seu estado. Nenhuma oração como a que Maria repetia lhe veiu aos labios. O seu Deus não era o d'elle; não tinha pae no céu — só um Creador, um Rei, e um Juiz. O mesmo céu estava fechado para elle.

Escapavam-lhe estas palavras ardentes, palavras que formaram a sua primeira oração:

«O' Deus de nossos paes, sêde misericordioso para comnosco! O' Deus de nossos paes, ó Deus de Abrahão, de Isaac, e de Jacob, levae-me — a mim e a minha filha! Oh! levae-nos! levae-nos! depressa—agora!» e todo elle tremia de excitação.

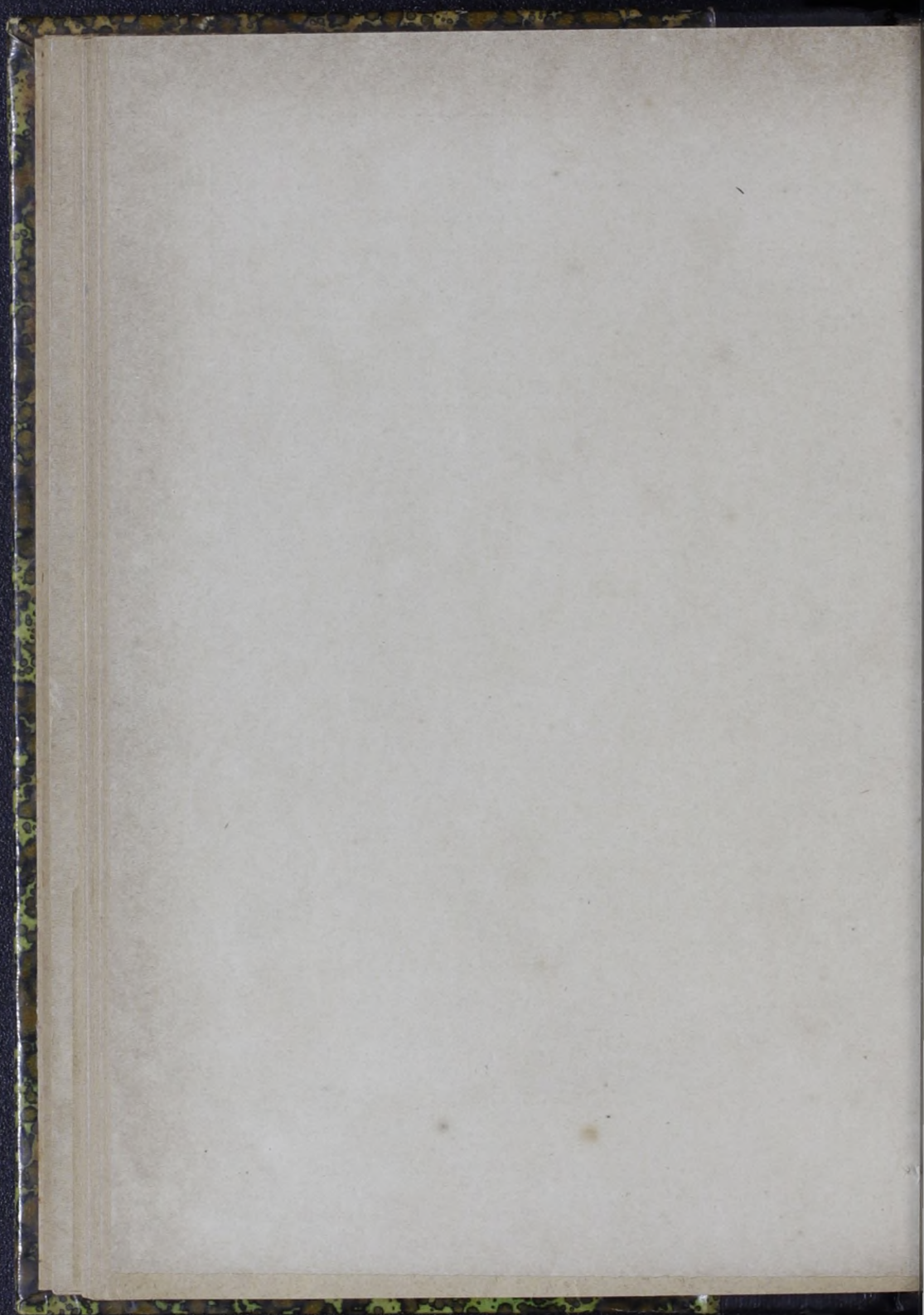
Então murchariam os lirios do campo! as aves pediriam sustento em vão! «Nosso Pae» não estava no ceu! e falharia Elle em nos dar o pão quotidiano?

CAPITULO VI

Surpresas

«O snr. pensa muito mal» Estas palavras foram proferidas por um velho ainda bem conservado, que abanava a cabeça, em confirmação do que dizia, e ao mesmo tempo condemnando Lazaro. Era claro e loiro, com olhos azues e penetrantes, bocca firme, cujos beiços estavam comprimidos. Quem o visse olhando fixamente para o judeu, ambas as mãos encostadas a uma bengala grossa, teria difficuldade em adivinhar que posição elle occupava. Usava de chapeu de aba larga; collarinho engomado, comprido e de pontas; o fato, ainda que de bom panno, e não velho, parecia pelo feitio, ter sido feito pelo menos ha trinta annos. No todo, a espressão do rosto do desconhecido podia-se considerar como boa, mas não agradavel, digna de confiança, mas não attractiva; emfim, aquelle homem parecia conhecer a misericordia, mas não usar d'ella.

Este juizo devia ter passado instinctivamente pela idéa do judeu; porque, comquanto não lhe agradassem inteiramente as suas palavras, não as repelliu. Além d'isso, Abrahão tinha quasi chegado áquelle estado de soffrimento passivo, em que o homem não se importa com coisa alguma, não dando importancia ao que lhe dizem, nem se é lisonjeado ou censurado, accusado ou desculpado. Fallando moralmente, uma especie de nevoeiro denso e frio o rodeava, mas não o podia gelar ou entorpecer mais do que já estava. Sem esperar pe-

W.L.J.
SWAIN SC

lo convite, o velho sentou-se ao lado de Lazaro, e pousou-lhe a mão pesadamente sobre o braço.

—Não vê—começou elle,—que isso é um suicidio—e levantou a mão para cima — sim, não sómente suicidio mas assassinio de sua filha — de sua filha, meu amigo!—As duas ultimas palavras foram proferidas vagarosamente, quasi contra vontade, e como se fosse obrigado pela sombra da immensa dôr que se divisava no rosto abatido de Lazaro. Por um momento, examinando as feições do judeu, parecia que um raio benigno de luz devia sair d'aquelles olhos azues e limpidos; mas a emoção, se existiu, depressa passou.

Lazaro sacudiu a cabeça como supplicando, mas não respondeu.

—Vê;—continuou o outro,—desejar morrer é desejar que a sua vida termine antes do tempo marcado. E não sómente a sua vida, mas ainda outra. Pense n'isso!

Em seguida o estranho proferiu uma successão de reprehensões e admoestações, mostrando a intenção d'uma tal oração, e quão pouco preparado estava aquelle que a fazia se o seu pedido fosse satisfeito. Tudo isto era muito verdade, mas fóra de tempo n'essa occasião, como tambem o modo, em que foi dito. Pouco effeito produziu, porque lhe faltava o primeiro elemento da misericordia — a sympathia.

Tudo era exterior, e não chegava ao coração. Segundo as apparencias, aquellas palavras tinham vindo da cabeça, e nunca do coração; ou se d'algum modo vinham do coração, esse coração devia ser bem differente d'aquelle do pobre homem que, na sua grande dôr,

tinha temeraria e inconscientemente enviado aquelle clamor de desespero, não conhecendo o pedido da fé do filho que espera.

As palavras do estranho não foram realmente asperas mas eram duras, lancinantes, certeiras, esmagadoras, como o bater do malho, erguido por um braço bem adestrado. Eram as palavras de quem tinha toda a rasão, a quem não tinha rasão alguma, e pretendiam convencer sem compaixão, e converter sem amor. Não parecia haver união fraternal entre estes dois homens, como se o christão não tivesse coisa alguma de commum com o judeu. Em todo este lapso de tempo divisava-se aquelle mesmo olhar fixo nos olhos azues limpidos, e a mesma compressão firme nos labios delgados.

Felizmente para Abrahão, quasi tudo o que o estranho tinha dito, passou-lhe desapercebido.

Na verdade estava tão abatido pela fome e pela dôr que mal conservava os sentidos. Comtudo, de vez em quando ouvia estas palavras de significação terrivel: «Morte,» «juizo,» «sua filha,» «fim terrivel,» e tudo isto lhe penetrava no intimo do seu coração. O malho descia cada vez com mais energia.

Teria rasão este desconhecido? De si mesmo não pensava; mas d'ella? Deveria elle vibrar contra a sua querida filha, idolo do seu coração, as pancadas do malho, para esmagar aquella por quem elle soffreria tudo —por quem realmente estava soffrendo—por quem voluntariamente derramaria o seu sangue gotta a gotta, se isso a podesse livrar do soffrimento?

Lazaro ergueu as mãos implorando. Não podia

discutir—não podia rogar. Pouco tinha comprehendido, mas conhecia que o homem fallava a verdade.

—E não haverá misericordia?—perguntava elle—nenhuma misericordia, na sua religião?

O desconhecido sobresaltou-se.

A pergunta do judeu ter-lhe-hia trazido alguma recordação do passado, ou ter-lhe-hia despertado novas idéas? Mas Lazaro não notou a mudança; só murmurou, como em desculpa, ou como arrependido de elle, judeu, ter tomado a liberdade de fazer objecções: «Perdão, senhor, sou d'outra religião: sou judeu.»

Abrahão tentou levantar-se. Iria procurar outro logar solitario; ou voltaria outra vez para a cidade; ou iria para casa, ter com Maria e dizer-lhe tudo; ou... A vista escureceu-se-lhe, o rosto e as mãos cobriram-se d'um suor frio, e caiu para traz no banco.

Quando Lazaro recuperou os sentidos, achou-se n'um pequeno quarto por detraz d'uma botica.

O seu novo amigo estava occupado ajudando o pharmaceutico em lhe administrar restaurativos.

As primeiras palavras que ouviu foram: «Bem, senhor; o nosso doente vae bem! Agora—espero que não appareçam outras complicações. Molestia de coração, dos pulmões, ou ataque cerebral, o que é bem serio— o boticario parou, como que para observar o effeito das suas palavras—requereriam então um medico experimentado para as tratar com muito cuidado.— E deixando de olhar para Lazaro, encarou de uma maneira interrogativa o seu amigo.

—O facto é,—repliou o outro, um tanto friamente,

querendo mostrar pouco interesse por Abrahão—que eu não o conheço, não sei nada d'elle. Portanto não tenho nada que ver com isto. Encontrei-o por acaso, e trouxe-o aqui por um sentimento de dever.—Os olhos azues brilhavam mais, emquanto proferiu estas palavras.

—Ah,—tornou o praticante, com vivacidade—elle não tem lesão alguma e a despeza a fazer com o que receitei, não ha de ser grande.—Depois d'alguma hesitação, accrescentou:—O que eu recommendaria n'estas circumstancias seria uma tigella de boa sopa quando elle tornar a si.—Mas Lazaro, já tinha recuperado os sentidos, e escutado com bastante inquietação a receita do medico—e até percebera que o seu novo amigo se preparava a pol-a em execução. Os esforços que fez para sustentar a tigella de sopa, que tinham ido buscar, foram em vão; o seu protector não quiz ouvir desculpas. Repetiu que era «um dever,» e franziu a testa de modo expressivo, dando evidentemente a conhecer que as hesitações de Abrahão eram resultado das idéas de morte de que ultimamente estava possuido. Era a primeira vez na sua vida que o velho judeu tinha contaminado os seus labios provando alimento illicito preparado por um gentio. Mas não ousou recusar. Temia que, sem a mais leve ceremonia, o outro o entregasse á policia. Além d'isso, n'essa occasião julgava inexplicaveis os seus escrupulos de consciencia, e cedeu, como obrigado por necessidade, a soffrer uma especie de martyrio moral.

A comida quente, a primeira que tomava havia

muito tempo, era-lhe bem precisa. Pareceu dar novas forças a Lazaro, e este teria partido mais preparado para uma nova tentativa na cidade, ou para communicar a sua posição a Maria, se não fosse uma circumstancia que sobreveiu. Por um acaso singular, Abrahão em todo este tempo não tinha pensado no pagamento, mas em breve se recordou da realidade do caso, pela participação do pharmaceutico. Eram só dez tostões ao todo. Só dez tostões! Comtudo essa somma representava quasi tudo que elle possuia no mundo. Mas notou outro olhar imperativo d'aquelles olhos azues, ainda mais severo que do costume, e as mãos tremulas de Lazaro, apalparam as algibeiras em procura do dinheiro. E a pequenita Maria? Que seria d'ella nos dias seguintes?

O velho judeu deixou-se machinalmente conduzir. Mais uma vez se achou nas ruas concorridas onde todos pareciam occupados com negocios e ninguem o conhecia nem se importava d'elle. Mas agora o barulho não o perseguia; fluctuava á roda d'elle como coisa pertencente a outras condições da existencia, com a qual não estava sciente de ter relações pessoaes—não dava attenção aos transeuntes ou ás carruagens, mas deixava-se levar pela corrente, encostado ao braço de seu amigo, não se importando para onde.

—Vamos em direcção á sua morada?—

—Sim;—mas se lhe tinha dito ou não qual essa direcção, Abrahão não se recordava nem fazia por se recordar. Onde quer que fosse—a qualquer logar. Que importava?

Mas tinha dado a direcção, porque seguiam-n'a; e já estavam perto—muito perto.

Ao virar a outra esquina estariam na sua rua. Abrahão parou. Se a sua propria vida dependesse de dar um passo, não o teria dado. A rua parecia-lhe andar á roda e as casas balouçarem-se. Abrahão encostou-se ao seu protector.

—Que é? não é este o sitio? Diga-me o que é.— As perguntas foram repetidas varias vezes antes que Abrahão podesse comprehender o que queriam dizer.

Agarrando convulsivamente entre as duas mãos o braço do seu amigo, disse em voz rouca e summida: —E' que me fez gastar todo o dinheiro que tinha; é que amanhã e depois não terei nada. Minha filha! Minha filha! terá de mendigar o pão—de morrer no asylo dos pobres!—Arremessou de si o braço que tinha agarrado, e n'um momento voltou a esquina e desappareceu. Por um instante o outro ficou confuso e perplexo sobre o que devia fazer, mas passado este momento de indecisão, seguiu-o apressadamente.

A força do velho Lazaro não o tinha levado longe. Meia duzia de passos mais adiante, estava encostado ás grades para não cair. Felizmente era uma rua socegada; e antes que Lazaro podesse attrahir a attenção dos transeuntes, o seu novo amigo estava a seu lado. As suas maneiras agora eram muito mais doceis e brandas. Pegou-lhe no braço e levou-o. Pouco a pouco induziu-o a contar-lhe uma parte da historia dos seus pezares, sem que Lazaro traisse o seu parentesco com Maria, segredo que elle zelosamente guardaria até ao

ultimo dia de sua vida. A confidencia que lhe foi exigida, e bondosamente recebida pelo outro, trouxe algum allivio ao seu espirito. Quando por fim se apartaram á esquina da rua, o estranho deu-lhe um bilhete, com o seu nome e morada, e além d'isso prometteu interessar-se immediatamente por elle. Lazaro pensou que, visto isso, talvez elle lhe arranjasse um emprego.

Ao menos, emquanto a informações, o desconhecido parecia resolvido a cumprir a sua palavra. Na occasião em que Abrahão voltava para casa, com o coração mais socegado e grato, pela primeira vez havia muitas semanas, nutrindo mais uma verdadeira esperança de se ver a salvo, o seu novo amigo seguia em direcção á cidade. A narração do judeu seria verdadeira?

Não lhe parecia. Elle tinha sido enganado tantas vezes!

Experimentaria outra vez? Sacudiu a cabeça duvidosamente. Uma coisa pelo menos era verdade; encontrou a loja. Parou irresoluto antes de entrar.

Escarneceriam elles da historia que ia contar? Mas aquelle rosto abatido levantava-se diante d'elle; entrou rapidamente na loja. Não havia freguez nenhum n'essa occasião, e os caixeiros estavam descançando. Dirigiu-se a um que veiu ao seu encontro. Queria fallar ao guarda livros; queria saber alguma coisa a respeito d'um velho chamado Lazaro, que tinha sido empregado ali. Não havia duvida alguma. O rapaz, com ar de escarneo, apontou para o escriptorio do guarda livros.

Afinal de contas, tinha-se compromettido n'um ne-

gocio muito tolo. Que podia elle esperar d'uma historia inventada por um mendigo, que provavelmente tentava enganal-o? Deveria sair immediatamente da loja? Em todo o caso seria melhor perseverar e examinar a coisa até ao fim.

N'um instante se achou á porta do escriptorio. Sem bater abriu-a rapidamente. Um homem escrevia a uma escrevaninha.

Levantou os olhos, viram-se só por um momento, e em seguida a visita voltou e saiu, batendo com a porta.

Sem fazer caso da admiração dos caixeiros, fugiu tão depressa como pôde, como se temesse ser perseguido.

Estava pallido como a morte. Deitou a correr pela rua abaixo, por outra acima, atravessou um largo e metteu-se por uma travessa. Parecia fugir como se dependesse d'isso a sua vida. Assim continuou por dois kilometros, antes que moderasse o passo. Depois ainda olhou com precaução em todas as direcções, para se convencer de que ninguem estava perto a observal-o.

Notava-se uma mudança terrivel no seu rosto. Fatigado e tremulo, sentou-se no degrau d'uma porta, e escondeu o rosto com a mão para que não vissem as lagrimas que lhe cahiam pelas faces abaixo. Passou-se bastante tempo antes que podesse voltar a sua casa, e, quando assim fez, evidentes signaes de afflicção e dôr se lhe divisavam nas faces.

CAPITULO VII

Quem é ella?

No cartão que o desconhecido dera a Lazaro, lia-se o nome «João Thomaz Fonseca» e tinha a direcção de um sitio fóra da cidade.

Na manhã seguinte Abrahão dirigiu-se para esses lados, chegando uma hora antes do tempo marcado, e tendo bastante tempo para observar a habitação do seu novo protector. Havia muitos annos que Lazaro não sahia da cidade; quasi que se esquecera do aspecto dos campos verdes, das flores e sebes. Ao achar-se n'essa manhã serena e clara em frente da casa do snr. Fonseca, pareceu-lhe estar n'um dos mais lindos sitios que jámais um ente podesse contemplar.

Em tudo se via o bom gosto; a casa de campo não era destituida de conforto; e estava rodeiada de rosas e madresilvas, entre as quaes o jasmim interlaçava seus delicados ramos. A entrada era por um portão baixo de ferro, a que se seguia um passeio largo todo areado, com bellas arvores que o tornavam sombrio. Em frente da casa estava um pequeno jardim, cultivado com gosto e cuja disposição tinha un certo cunho de originalidade.

Quando Abrahão saiu d'este estado de admiração agradavel, e subjugou certos sentimentos dolorosos que lhe subiram á mente ao pensar na sua Maria, uma sensação quasi de prazer se apoderou d'elle. Comtudo

esteve por um momento irresoluto antes que abrisse o portão da pequena propriedade.

Provavelmente que o mesmo succederia com muitos de nós, se nos achassemos prestes a passar por uma crise decisiva na nossa vida. Como Abrahão, abririamos e fechariamos o portão vagarosamente e com hesitação, desejando saber com que sentimentos nos achariamos no mesmo logar mais tarde—como se temendo pôr fim ás nossas esperanças, com medo que todas ellas fossem destruidas.

Esquecemo-nos de que ha sempre outra porta que nunca se fecha e outro caminho que conduz directamente A'quelle, cujos olhos estão sobre o nosso caminho, e cujos ouvidos estão sempre abertos aos nossos clamores.

Abrahão via no panorama que o cercava um mundo cheio de belleza, e pareceu-lhe que a natureza inteira descançava satisfeita, sob os cuidados de «nosso Pae que está no céu.» Assim, quando ouviu soarem as dez horas, levantou a mão com mais animo e pegou na argola que estava demasiadamente alta na porta. Uma creada robusta e bem vestida conduziu-o para um gabinete alegre.

O quarto era pequeno—como todos os outros; e um bom observador, talvez se tivesse admirado como, moralmente fallando, João Thomaz podesse caber em tão pouco espaço. Abrahão ganhou coragem, e percorreu com a vista os objectos que estavam na sala.

Sobre a mesa estava um vaso de flores e uma porção de livros; n'um canto, um piano um tanto antiqua-

do, junto do qual se notava a ausencia de musicas; notavam-se dois desenhos de cada lado do espelho sobre o fogão. Abrahão já se sentia tanto á sua vontade que se levantou para examinar os quadros. Um d'elles de certo era o retrato de João Thomaz Fonseca quando fosse mais novo e forte, e apresentava-o de gravata preta, colete bem bordado, e corrente macissa; o resto do retrato estava desvanecido, mas sobresahia ainda o olhar puro e penetrante, e a bocca firmemente disposta a pronunciar uma sentença, fosse contra quem fosse.

Abrahão parou por algum tempo em frente d'este retrato, recordando-se da entrevista da vespera, e todo o animo parecia fugir-lhe do coração. Voltou-se suspirando para o outro quadro, sem pensar no que fazia. Era o retrato d'uma creança, dois ou tres annos mais velha do que a sua Maria. Abrahão recuou ao vel-o. Tornou a approximar-se rapidamente até chegar bem de perto, quando a porta se abriu. Abrahão voltou-se envergonhado. Uma senhora vestida de luto alliviado estava diante d'elle. Os cabellos eram brancos como a neve, apezar de não ser muito edosa. Ella devia ter sido linda, e o seu rosto ainda apresentava uma expressão das mais meigas e tranquillas. O semblante de Abrahão pareceu surprehendel-a, porque ficou um momento a contemplal-o e sem lhe dizer palavra.

— O snr. Lazaro, creio? Meu marido manda dizer-lhe que o snr. será bem succedido — Ella continuou a fallar, mas só estas palavras chegaram aos ouvidos de Abrahão, porque as suas ideas confusas voltavam a outras coisas.

Muitissimo agradecido, minha senhora!— disse Abrahão por fim;—salvou-nos da ruina. Deus a abençõe e lhe pague.

Seguiu-se uma pausa; Abrahão conservava-se immovel, olhando da mesa para o tapete, e do tapete para a mesa.

—Mas se,—balbuciou elle por fim, apressadamente —se, se lhe não parece isto uma grande liberdade, desejava saber como está o snr. Fonseca!—Faltou-lhe a coragem no ultimo instante, e a naturalidade com que tencionava fazer-lhe a pergunta ficou irremediavelmente prejudicada. Abrahão córou e mostrava-se contrafeito. A senhora pareceu não comprehender a maneira esquisita com que uma pergunta tão innocente tinha sido feita.

Comtudo, replicou que seu marido não se achava tão bem como de costume, e que estava então descançando.

Se a snr.ª Fonseca tivesse dito toda a verdade, poderia dizer que seu marido tinha voltado na vespera tão transtornado em apparencia e modos que lhe tinha causado terror; que tinha passado uma noite muito desinquieta e que, quando julgou que ella dormia, tinha descido devagarinho ao seu quarto particular; que ella o tinha seguido, e se tinha sentado do lado de fóra da porta horas esquecidas, até que não podendo mais reprimir a sua agitação, tinha entrado e o tinha achado, com a cabeça em cima da escrevaninha, o rosto escondido nas mãos, mas sem sentidos, uma caixa aberta

com o retrato d'uma creancinha, e una carta com tarja preta, diante de si.

Podia-lhe ter dito tudo isto e ainda mais—como, quando comprimindo a sua dôr, tinha conseguido fazel-o recuperar os sentidos, elle tinha consentido que guardasse aquellas reliquias e o conduzisse a seu quarto; que não tinha proferido una só palavra sobre o assumpto, mas que estava muito mudado, mostrando-se meigo e brando.

E além d'isso podia-lhe ter dito que n'essa noite sentiu como se outra cova se tivesse aberto no seu coração, perto d'uma que estava sempre aberta.

Mas ella não diria isto a pessoa alguma n'este mundo, só a seu «Pae que está no ceu,» e a expressão de seus olhos tranquillos e meigos ainda era a de confiança e paz.

A snr.ª Fonseca quasi que se esqueceu da sua dôr na admiração com que contemplava o modo de Abrahão. Quando por fim elle se preparou a retirar-se sem perguntar quem eram os seus patrões novos, ella começou a duvidar se elle estaria em seu juizo.

Lembrando-lhe a snr.ª Fonseca esta falta, Abrahão pegou na carta de apresentação com gratidão, mas sem apparentemente pensar na sua importancia. Instantes depois, achou-se ao sol no jardim; e logo depois a porta se fechou atraz d'elle. Abrahão caminhou rapidamente pela rua abaixo, depois parou, voltou, e retrocedeu um passo, até que tornou a chegar á porta do jardim.

Por alguns minutos ficou irresoluto, largou a por-

ta e tornou a voltar em direcção á cidade. Pela segunda vez voltou atraz, antes de finalmente decidir a fazer o que toda a pessoa ajuizada teria feito logo ao principio: dirigir-se a casa de seus novos patrões na cidade.

Graças á carta que levava, Lazaro d'esta vez não encontrou as difficuldades que tinham tornado baldadosos seus pedidos.

Foi logo empregado. A loja era similhante áquella em que elle tinha passado tantos annos; a unica differença consistia em que os donos eram christãos, e não judeus, e o seu salario era melhor, com esperanças de augmento — mas devia estar presente no sabbado judaico, não para trabalhar, mas para vigiar os outros, emquanto que uma parte da manhã estava á sua desposição, para attender ao culto na synagoga. Essa tarde, quando Lazaro voltou para casa, pôde contar a Maria a mudança e a promoção devida a um amigo que tinha encontrado inesperadamente, mas guardou segredo emquanto á historia da necessidade que tinha passado e de tudo o que tinha soffrido. O seu rosto, ainda mais do que as suas palavras, opprimiam o coração; havia muitas semanas que ella tinha observado em silencio o fardo, que cada dia se lhe tornava mais pesado; não sómente tinha visto isto, mas tinha levado esse fardo a seu Pae celestial, e o tinha lançado a seus pés, e esperado pelo livramento que tinha chegado.

—Pae Abrahão, ha já algum tempo que eu o esperava.

— Quem esperavas tu, minha filha ?

—Tenho esperado o seu amigo que o veiu ajudar.

Uma terrivel suspeita atravessou a mente de Abrahão; parecia-lhe adivinhar tudo agora. Afastou a creança de si e olhou-a fixamente: «Maria, diz-me a verdade, como o conheces? »

Maria largou-o, e correu a buscar a Biblia de sua mãe. Quasi que a abriu no logar já marcado, tantas vezes tinha recorrido a ella desde que descobrira o seu valor.

—«Não tenhas cuidado de coisa alguma»—leu ella —«mas com muita oração, e rogos, com acção de graças sejam manifestas as vossas petições diante de Deus.»

A creança apontava para o versiculo, e olhava para o judeu d'um modo interrogativo.

Mas ainda que d'esta vez as suas suspeitas dessem logar a um sentimento de reverencia, quasi de terror, Lazaro não se podia esquecer da agonia d'essa duvida momentanea, nem podia d'algum modo perder o sentimento de duvida e de incerteza.

Figurava-se-lhe o memento em que, perdendo toda a sua felicidade sobre a terra, se estivesse abysmando no espaço.

Mil vezes pensava na loucura pelas apprehensões. Passaram-se semanas após semanas, e nada aconteceu. Estava completamente estabelecido no seu novo emprego, e dava satisfação a seus patrões. Ao fim d'um mez augmentar-lhe-iam o ordenado.

Não tinha tornado a ver o snr. Fonseca e nada mais sabia d'elle. Ao que podia julgar, talvez que nunca mais o tornasse a encontrar.

Não obstante, a impressão que aquella visita, que fizera, lhe tinha causado, não se desvanecia ; pelo contrario, parecia augmentar com o decorrer do tempo. Porque não se tinha elle animado a fazer a pergunta que sempre conservava na mente? Poderia elle pôr fim a estas duvidas que o atormentavam, indo visital-o, debaixo d'algum pretexto, e perguntar de quem era aquelle retrato? Mas havia o quer que fosse, no aspecto d'aquella senhora, que parecia prohibir-lhe o fazer uma pergunta que poderia parecer simples curiosidade, mas que talvez lhe fosse dolorosa. E afinal não havia nada—não podia haver coisa alguma de extraordinario —só uma coincidencia, mas a qual elle não podia desviar do pensamento.

Em breve succedeu um incidente que a tornou muito notavel

CAPITULO VIII.

Porque choraes ?

Ha muito que a primavera passou e com o verão voltaram os passaros e as flores. Mas mesmo nos dias mais bellos de verão não voltaram as rosas ás faces de Maria. Ella estava sempre satisfeita, alegre, contente, e apparentemente não parecia soffrer; mas as faces pallidas tornavam-se cada vez mais magras. Fosse como fosse, não parecia ter crescido; era a mesma pequena

creatura que Abrahão tinha trazido n'aquella noite, de junto do leito de morte de sua mãe. As mãos estavam tão pequenas e transparentes como quando Josepha costumava esfregal-as e enxugal-as, ao voltar da aula; e a mesma luz brilhava-lhe nos olhos, como quando se reflectia n'elles a chamma agitada do lume, ao pé do qual costumavam deital-a nas noites de inverno.

Nem o sol nem o estio trouxeram alegria a Fonseca, o qual não parecia ter doença que o medico podesse descobrir, mas que de dia para dia se tornava mais abatido. Os beiços tinham-se tornado lividos, e os seus limpidos olhos azues estavam cobertos d'uma nevoa, que lhe dava uma expressão indecisa. Fonseca nunca disse a sua esposa o que tinha acontecido na cidade n'aquelle dia, quando foi em procura de emprego para Lazaro; mas desde então parecia luctar com um peso que o vergava. Talvez que a maior mudança que se notava n'elle fosse a perfeita falta de interesse em tudo que o cercava. Era impossivel dizer se esta falta era devida á preoccupação ou a uma especie de vacuo no entendimento. Fallava pouco, e quando lhe faziam alguma pergunta, respondia, não ao acaso, mas, para assim dizer como se vivesse n'um mundo differente. D'esta apathia era impossivel despertal-o. Conduziam-n'o ao jardim, mostravam-lhe os botões e as flores, mas olhava para ellas como se as não visse.

Pouco a pouco a snr.ª Fonseca, não podendo remediar este estado, acostumou-se a elle, e esperava com paciencia, como muitas vezes tinha feito, até que alguma luz lá de cima viesse romper a escuridão.

E comtudo o sol de Deus raiava sobre villas e campo, e mesmo a grande cidade começou a sentir a influencia do verão.

A' tardinha, quando o calor do dia tinha passado, e no crepusculo, quando o ceu, tão alto e claro, parecia assentar sobre um arco azul escuro, Lazaro levava a sua pequena a passear fóra das ruas tumultuosas de que estavam rodeados. Estas excurrões eram deliciosas e cheias de verdadeiro gozo para o velho, tão feliz nas confidencias livres entre os dois; e quando Maria, ás vezes, fazia uma das suas perguntas exquisitas que só uma crença poderia fazer, e só um anjo responder, então se por acaso lhe falhava o espirito, havia sempre rodeios bastantes para que Abrahão podesse evitar uma resposta directa, chamando-lhe a attenção a outra coisa. A este tempo tambem as circumstancias de Lazaro tinham melhorado e elle podia viver mais confortavelmente, e muitas mudanças se faziam no vestuario da pequena Maria. Muito satisfeitos estavam os dois um com o outro e com todas as circumstancias que os rodeiavam. Umas vezes Lazaro levava-a mais longe, até onde fosse o carro, e então partiam na sua peregrinação em todas as direcções no campo; outras vezes iam a pé e voltavam no omnibus. O ultimo caso era o que acontecia aos sabbados de tarde. Como a loja fechava mais cedo, podiam n'esse dia começar o seu passeio muito antes de acabar o sabbado judaico, que estava fixado pela apparição das primeiras estrellas. Ora isto era claramente contra a lei judaica, que define o tempo que se deve guardar ao sabbado; mas Lazaro

consolava-se com a ideia de «necessidade e perdão.» Era uma especie de sophisma, ainda que muito vulgar em casos onde o sentido intimo do dever não corresponde a um mandamento exterior. Comtudo elle marcara um limite, como a maior parte da gente faria em identicas circumstancias.

Não andava de trem, n'esse ponto estava resolvido a não infringir a lei; andaria a pé até que a sombra da noite indicasse o fim da festa judaica.

Qualquer de nós conhece decerto a perversidade curiosa da nossa natureza, que d'algum modo nos arrasta, quasi contra vontade, na proximidade perigosa de pessoas e logares que a prudencia nos mandaria evitar o mais possivel. Assim aconteceu que o velho Lazaro fez justamente o que o instincto, se não a rasão, o avisava de evitar cuidadosamente. Não sei como, mas Abrahão e a pequena achavam-se mais frequentemente na visinhança da casa de Fonseca que em qualquer outro sitio.

Foi n'uma bella tarde de verão que Lazaro e a pequena passavam perto do caminho que conduzia para lá. Maria palrava como de costume, emquanto que Lazaro, fingindo escutar, tinha a sua attenção realmente occupada em pensar o que se passaria lá.

Elle gostaria de mostrar á creança o que elle intendia ser o modelo de uma casa de campo.

Quem sabe se elle viria um dia a possuir um retiro egual para si? Ella gostaria de o ver? Não havia perigo de surpresa; tinham vindo aqui mais de uma duzia de vezes, muito perto, e nunca tinham encontra-

do pessoa conhecida. Abrahão olhou pela rua abaixo e acima—nem se quer uma pessoa se avistava. Que aconteceria se por acaso encontrasse o seu ultimo patrão—que tinha elle na verdade a temer? Abrahão portanto entrou afoitamente na estrada.

—Anda Maria, queres ver um lindo sitio? olha!—Abrahão apontou para a casa. As rosas brancas e vermelhas, a madresilva, e o jasmim branco entre ellas, estavam todas em flor, rodeiavam as janellas, de um feitio antiquado, e subiam até ao telhado. Era uma massa de flores, com que a casa parecia estar coberta. A admiração e a alegria da pequenita não teve limites; Abrahão levantou-a para que podesse ver melhor, posto que estivessem a alguma distancia da casa. Maria gostaria de viver ali? Como ella se ri e gritava, batendo as palmas! No seu gozo não tinha percebido que a cancella do jardim se tinha aberto e fechado. Um grito meio abafado assustou-os a ambos. Lazaro poz a creança no chão. Reconheceu logo a snr.ª Fonseca. Talvez que o seu cabello estivesse mais branco, e as rugas nas faces mais fundas do que quando a tinha visto outr'ora; mas conservava o seu olhar de soffrimento meigo e paciente que não se podia jámais esquecer. Mas a snr.ª Fonseca parecia esquecer a Lazaro, tão fixo estava o seu olhar na creança. Alterou-se-lhe a côr do rosto, e apertava a mão contra o coração, como que para reprimir o seu desgosto.

—Peço perdão, Snr. Lazaro,—disse após alguns minutos, e encarando-o pela primeira vez,—não sou forte; o estado de saude de meu marido tem-me retido

tanto em casa, que difficilmente posso soffrer a luz do sol. E... e... a vista de creanças ás vezes commove-me singularmente. —A snr.ª Fonseca tentou sorrir-se. Seguiu-se uma pausa constrangida.

Abrahão estava muito pouco á sua vontade; disse alguma coisa a respeito da saude do seu protector, e que esperava que o tempo quente o restabelecesse de todo. A snr.ª Fonseca de certo que nada ouviu, porque não deu resposta, conservando-se em pé no caminho.

—Esta creança é sua filha, snr. Lazaro?

Bom foi que a snr.ª Fonseca não olhasse para Abrahão, emquanto elle balbuciava alguma coisa, de que só a palavra «neta» se ouviu distinctamente.

—E' sua neta?—E d'esta vez deitou-lhe um olhar rapido e penetrante, que fez subir a côr ao rosto de Abrahão. Não pôde dar resposta, mas curvou-se de uma maneira supplicante para a creança.

—Não és minha neta, Maria, minha joia?

—Sim, pae Abrahão.

A snr.ª Fonseca, notando á luz do crepusculo a dissimilhança entre a loira creança gentia e o judeu trigueiro, pareceu-lhe esta tão admiravel como o tom particular da resposta e a maneira por que tinha sido dada; mas Abrahão estava perfeitamente satisfeito. Que mais poderia desejar? Ella tinha declarado espontaneamente ser sua neta.

Quem os poderia separar?

No seu amor, elle desejaria segurar-lhe a mão, mas ella tinha-lh'a largado.

—Como se chama?—disse a snr.ª Fonseca, voltando-se para a creança.

—Eu sou Maria.

—Maria—e que mais?

A pequena calou-se por um momento, e olhou para o judeu. Foram momentos de terrivel agonia para elle. Por fim a creança disse: «Maria Costa, que é o appellido de meu avô.»

Nunca anteriormente tinha fallado n'esse nome. A Abrahão pereceu-lhe que estava sellado para sempre o pacto entre elles, e um ar de triumpho lhe passou pelo rosto. Quer a snr.ª Fonseca percebesse ou não, accrescentou, naturalmente: «Bem vê, snr. Lazaro, não tenho filha nenhuma, e a não ser meu marido, nem uma pessoa chegada ou querida a não serem aquelles que já estão com Jesus.»

Por sua vez, Abrahão tentou animal-a e consolal-a.

Conhecia que os seus ganhos actuaes lhe permittiam um certo bem-estar; censurava-se a si mesmo, como bem o podia fazer, de ter pensado em recusar a apresentação da sua querida Maria áquella bondosa senhora, que se achava curvada debaixo do pezo da dôr, e cuja voz tão triste inspirava sympathia.

Os olhos da pequena inundaram-se de lagrimas e ella estendeu ambas as mãos áquella mulher sem filhos, que as apertou contra o coração.

Lazaro tirou o chapeu á creança como para estar prompta a receber as caricias. Os cabellos loiros e annelados caíam-lhe sobre os hombros.

—Deus te abençõe, filha!

Depois d'uma curta pausa, accrescentou:

—Não tens pae?

Maria hesitou. Com o coração opprimido, disse baixinho:

—Nosso Pae, que está no ceu.

—Tua mãe?

A pequena abanou a cabeça e arrebentou n'um choro irresistivel. A senhora apertou contra o seio a creança orphã.

Curvando-se sobre ella, cairam-lhe duas lagrimas sobre a cabelleira annelada. Devia ter-lhe dito alguma coisa ao ouvido, a respeito da Resurreição e da Vida, porque a creança logo socegou e disse:

—Sim, eu sou Maria, e quero-me sentar aos pés de Jesus.

O velho judeu comprehendeu a allusão da creança ao seu nome, e a historia ligada a elle; tinha lh'a lido muitas vezes; e sentia que nunca tinha assim pensado na morte descripta n'esta historia, na presença d'Aquelle que tinha a chave de David. Quão differente era, do quadro que o seu judaismo representava, da morte! Lazaro voltou a cara para o lado, temia trahir a sua emoção. E comtudo, que lhe importava a elle, que não conhecia o Principe da Vida? elle não estava, como Maria, sentado aos pés de Jesus. Um immenso abysmo parecia abrir-se entre os dois, como aquelle de que ella lhe tinha fallado na primeira noite em que se encontraram. Mas porque seria assim?

Entregaram-se por alguns instantes á sua agita-

ção. A snr.ª Fonseca foi a primeira que voltou a si. Fazendo festas á pequena, perguntou-lhe:

—Gostavas de ver a minha casa?

As pequenita, que ainda segurava na mão da snr.ª Fonseca, deitou um olhar supplicante a Lazaro. Mas d'esta vez o velho não fez caso do seu pedido.

—Desculpe, minha senhora, já é tarde.

—Esta tarde não,—interpoz a snr.ª Fonseca, mas amanhã.

—Minha filha vae á egreja de manhã,—disse o judeu, n'um tom um tanto pharisaico,—e depois á escola Dominical.

— Ella irá á egreja comigo, e eu vol-a remetterei a tempo de ir á escola.

Lazaro não tinha mais desculpa; comtudo hesitou.

—O snr. ficará com meu marido,—disse a snr.ª Fonseca;—talvez que a sua presença lhe faça bem, e o anime. Elle está inteiramente mudado desde que o encontrou, não sei porquê.

Abrahão não teve mais a dizer. Aquella tristeza, ainda mais do que o appello á sua gratidão, tocou-lhe no intimo da alma. Que direito tinha elle de lhe recusar qualquer meio de consolação? Alem d'isso, porque privar a sua pequena do que ella tanto desejava? O olhar grato e contente de seus olhas azues devia-o ter convencido de que em todo o caso não tinha interpretado mal os seus desejos. E assim se combinou que deviam vir, cedo de manhã, e ficarem lá até á hora de ir para a escola Dominical.

Feitas as despedidas, voltaram para a grande cidade. Em breve a bulha e barafunda os rodeava. Caminharam silenciosos para casa; era fóra do costume não terem que dizer um ao outro, ainda que quando sairam de casa a conversa parecesse não ter fim. Mas agora não tinham nada a dizer, nem mesmo a respeito da linda casa e de seus donos. E comtudo o carro que os conduziu, foi vasio a maior parte do caminho, e a conversação teria sido facil.

O ceu estava do mais puro azul; mas as estrellas ainda não brilhavam visivelmente na sua extensão.

D'esta vez não foi Fonseca, mas sua esposa, que desceu sem bulha, quando seu marido dormia, ao quarto particular. D'uma gaveta secreta da mesa, tirou o retrato d'uma creança, e ao lado collocou uma carta de tarja preta já desvanecida.

Toda a noite esteve ali de mãos postas, em quanto que visões extranhas lhe passavam pela mente. Passada a curta noite de verão, a luz do dia achou-a de joelhos diante d'Aquelle que, tendo-o uma vez dito, disse-o a todo o coração angustiado em todos os seculos: «Mulher, porque choras? Que procuras?»

CAPITULO IX

Fonseca descobre uma significação nova na oração do Senhor.

Era um bello dia de julho, justamente como a pequena Maria teria escolhido, se o podesse escolher. Levantou-se muito mais cedo do que de costume, e anciosamente espreitou pela janella. Mas ninguem ainda andava na rua, e Maria teve de voltar para a cama. Quão vagarosamente lhe pareceu passarem as horas! Por fim era tempo; o almoço depressa se despachou, e ás nove horas os dois estavam postos a caminho. Lazaro, de mau humor, não fallava, apesar de se consolar com a convicção intima que esta expedição não seria tão cedo repetida.

A grande cidade parecia estar em dia de festa. Vehiculos de todas as especies, cheios de gente, rodavam pelas ruas, que tinham o seu quê de tranquillidade festiva.

Viam-se lojas abertas entre outras que estavam fechadas.

Um homem grosseiro, corado, em mangas de camisa muito limpa, estava em pé á entrada d'uma taberna, olhando pela rua abaixo para um vulto cambaleante que desapparecia amparado por uma mulher. As egrejas estavam-se preparando para receber os crentes, a pouca distancia das tabernas, cujas portas meio abertas davam saida ao cheiro nauseabundo e penetrante, de uma misturada de alcool e fumo de tabaco.

Por todos os lados se ouviam os pregões desencontrados dos vendedores de differentes generos, emquanto que a gente passava com o seu fato domingueiro ; havia uma massa confusa de apparencias contradictorias ; mas, mesmo assim, n'aquella mesma contradição, havia um indicio de que, graças a Deus, nem toda a gente despreza o dia do Senhor, escolhendo esse dia para se divertir, e affastando de si a leitura da Biblia.

Se a pequena Maria estivera antecipando o mais possivel a sua visita, a snr.ª Fonseca não o estivera menos; qualquer que fosse a natureza dos seus sentimentos ao ver pela primeira vez a creança, e quaesquer que fossem as recordações suscitadas, a snr.ª Fonseca estava agora anciosa que alguma recordação similhante podesse tirar seu marido do estado de apathia em que se achava. Observou com anciedade a expressão do seu rosto quando Lazaro e a pequena entraram no quarto. Fonseca mostrou-se muito attencioso mas, com grande pezar de sua esposa, não fez caso da creança. Todo o seu interesse parecia estar concentrado em Lazaro. Fez-lhe perguntas a respeito do novo emprego e do seu futuro; e mostrou desejos de ficar só com elle, emquanto sua mulher e a creança fossem á casa de oração. Da sua parte, Abrahão que estava profundamente commovido ao ver a terrivel mudança no seu bemfeitor, prometteu velar por elle.

Quando a snr.ª Fonseca fechou a cancella do jardim ao sair com a pequenita, affigurou-se-lhe que tinha saido d'uma atmosphera de cuidado e tristeza, que fica-

va atraz d'ella. Quando entrou na estrada e sentiu a doce briza do verão, foi como se a luz do Domingo lhe penetrasse a alma.

Ouviam-se os sinos ao longe; passavam grupos de gente com seus fatos domingueiros; tudo lhe parecia bello e tranquillo. Entregou-se a um sentimento de descanço e de allivio. Maria pegou na mão da sua companheira.

—Oh, estou tão contente! sou-lhe tão grata!

A creança hesitou e depois accrescentou: «Como devo chamal-a?»

A snr.ª Fonseca nunca tinha pensado n'essa difficuldade. Olhando para a bella creança, alguma coisa sentiu no coração que lhe impedia de propôr o tratamento que a creança lhe havia de dar.

—Como chamas a teu avô, Maria?

—Chamo-lhe sempre pae Abrahão.

A snr.ª Fonseca sorriu-se.

—Porque?

Maria corou por sua vez; depois de reflectir, replicou com hesitação, que era porque gostava do nome.

—Sim; mas não me queres chamar mãe Sara, não é assim?

A creança pensou por um instante. «Não; mas podia deixar-me chamar-lhe avó? não queria?

Podia ter sido uma simples lembrança da creança, mas ella disse aquellas palavras n'um tom serio, e essas mesmas palavras concordavam tão singularmente com os tristes pensamentos da snr.ª Fonseca, que esta não pôde responder.

—A snr.ª não tem outra neta?—continuou a pequenita com meiguice.

Era necessario dizer alguma coisa, e a snr.ª Fonseca fez um esforço. «Não, minha querida, nunca tive netas; tive uma vez uma filha, mas ella morreu ha muitos annos, longe, alem do mar» Não pôde dizer mais.

—Eu não queria lembrar-lhe isso...—disse a creança em voz baixa, beijando-lhe a mão, com reverencia.

Esta confidencia estabeleceu um novo laço entre as duas, a mãe sem filhos e a creança sem mãe—o laço de uma dôr commum de que não podiam fallar. E caminhando pelo trilho que atravessava o cemiterio, a snr.ª Fonseca disse com doçura: «Sim, podes-me chamar avó;» e em seguida entraram na egreja.

Entretanto, a conversação entre o judeu e o seu doente não tinha proseguido tão agradavelmente como elle desejava. Em primeiro logar, Fonseca respondia-lhe em monosyllabos, e ás vezes conservava-se calado. Uma ou duas vezes pareceu reanimar-se, como se fosse dizer alguma coisa, e parava repentinamente no meio d'uma phrase. Lazaro começou a estar inquieto, e a desejar o regresso das duas.

Para dizer alguma coisa que o não excitasse, fallou da pequenita, e disse estar receiando que ella désse algum incommodo á snr.ª Fonseca.

—A sua filha?—perguntou elle, agarrando com força no braço do judeu.—Sua filha?—continuou elle.—Peço-lhe, que nunca seja severo para com ella, ouve?—e saccudiu Lazaro com violencia.

Era em vão que o judeu protestava contra uma

accusação que repugnava á sua alma. O seu companheiro não lhe deu tempo de se explicar.

—Sim, sim, bem sei. Pensa que é o seu dever; pensa que faz bem. Mas não obstante, é necessario ganhar o amor da creança, a sua confiança.—O velho passeava pelo quarto muito exaltado. Depois, parando repentinamente diante de Lazaro, poz-lhe a mão sobre o hombro, e disse em voz muito baixa: «Será coisa terrivel se chega a não lhe ter confiança—a temel-o. Será levada até não sei onde; não ousará fallar comsigo em assumpto algum; por fim morrerá.»—Fonseca deixou-se cair n'uma cadeira e cobriu o rosto com ambas as mãos, prorompendo n'um choro. Lazaro ficou muito assustado. Que devia fazer? Elle começou a adivinhar a verdade.

O velho não fez caso do que Lazaro lhe dizia para o consolar ou distrahir. Uma grande lucta se passava no seu espirito. Lazaro assustou-se com a mudança de physionomia. O seu rosto voltou áquella expressão dura e severa que tinha no dia em que o encontrou no jardim, seus olhos azues limpidos estavam fixos, como se nunca tivessem conhecido misericordia; parecia um juizo severo e inflexivel; fixou o seu olhar agudo e penetrante sobre Lazaro.

—Não, não,—continuou,—isto é fraqueza, toleima; peior que isso, é peccado. Ha coisas que nunca podem ser perdoadas, ao menos por nós na terra,—juntou elle, depois d'uma pausa.

Um sentimento de medo apoderou-se do velho judeu. Não sabia o que responder; todos os argumentos

que sua fé judaica podiam fornecer, passaram-lhe rapidamente pelo espirito; mas não havia coisa alguma applicavel a este caso. Foi então que se lembrou da oração que Maria tinha tantas vezes repetido ajoelhada aos pés d'elle; disse muito baixinho e com reverencia: «Perdoa as nossas dividas assim como nós perdoamos aos nossos devedores.»

Depois de ter pronunciado estas palavra, de boa vontade as teria o judeu retirado. Sentiu que uma tal citação marcava um periodo na sua vida. Estava elle curvando-se á auctoridade do Nazareno? Que influencia exercia sobre as suas convicções as orações e a fé simples d'uma creança ignorante!

Houve uma curta pausa entre elles. Quando Lazaro ousou levantar os olhos, outra mudança tinha passado pelo seu companheiro.

Seria a luz do sol que, passando pela hera rosas e madresilva, dava nos olhos do velho?

N'este momento abriu-se e em seguida fechou-se a cancella do jardim, e ouviram-se passos sobre o passeio areado. Fonseca levantou-se e elle mesmo foi abrir a porta. Sua esposa notou que alguma mudança se passava n'elle.

Com grande esforço reprimiu toda a expressão de sentimento. A creança ainda lhe pegava na mão. Pela primeira vez Fonseca pareceu observal-a; pegou-lhe em ambas as mãos e olhava-a a pequena distancia para lhe examinar as feições. A luz do sol dava-lhe na cara; elle olhou para sua esposa; estava pallido como a morte.

«Maria,» murmurou; elle não a tinha chamado

pelo seu nome havia muitos annos — desde a sua grande dôr.

Agora ella via que a massa de gêlo, que ha tanto tempo lhe tinha obstruido o coração, devia estar a derreter-se.

A vista da creança tinha com certeza acordado n'elle as mesmas recordações que lhe tinham suggerido a ella. Haveria risco em continuar? não poria ella tudo em perigo continuando o exaltamento que a creança tinha causado?

N'esse momento de afflicção levantou o coração ao Senhor para que a guiasse.

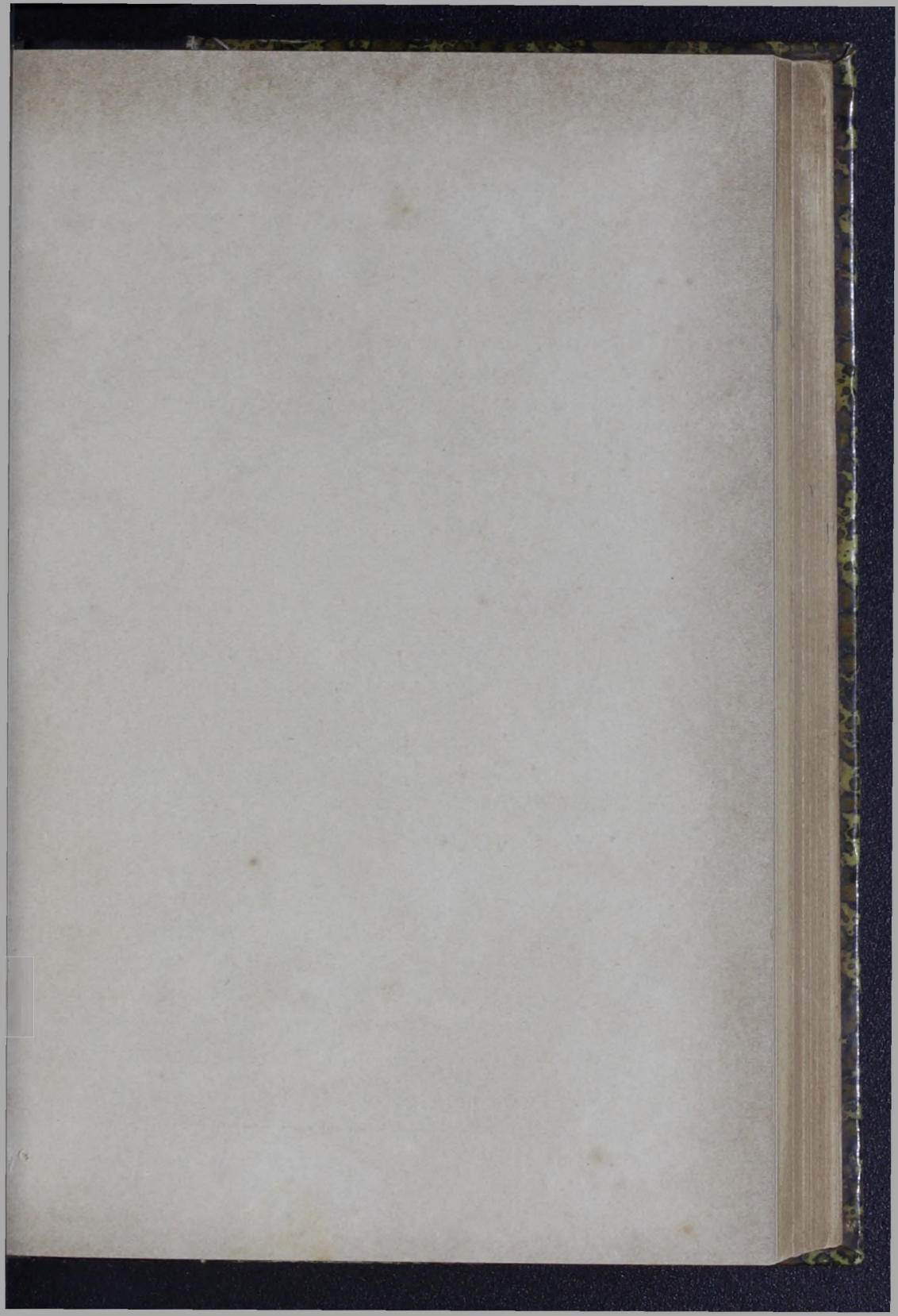
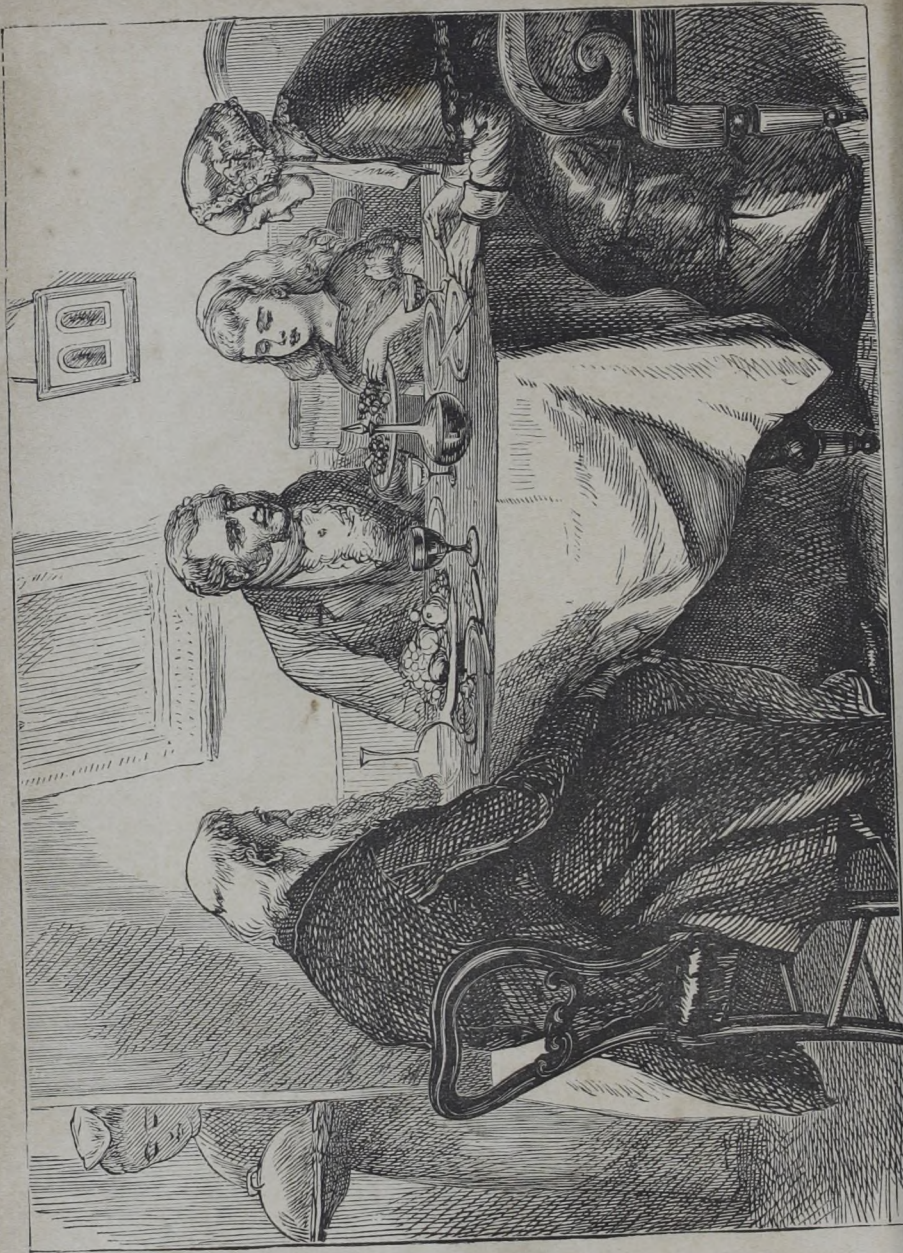
Clara e distinctamente, como uma voz do ceu, lhe veiu a convicção que o que tinha começado a derreter o gêlo não era outra coisa senão luz enviada por Deus.

Curvou-se para a creança e disse-lhe ao ouvido, «Chama-lhe avô.»

Fonseca ainda estava irresoluto, olhando, ora para a esposa, ora para a creança.

Maria olhou para elle muito timida; em seguida dando uma mão a cada um, disse em voz que apenas se ouvia: «Approxime-se meu avô,» e entrou no quarto entre elles.

Mas, quando viu o velho judeu á sua espera, deixou-os de subito, e correndo para elle, deitou-lhe os braços ao pescoço.

«O' pae Abrahão! como os hei de tratar por avós?» Então, como se tivesse medo ou estivesse envergonhada, fugiu do quarto pela porta que ainda estava aberta, e foi para o jardim.

Nenhum dos tres disse palavra; estavam todos absortos em seus pensamentos. Felizmente aquella pausa dolorosa não foi de longa duração.

Quando o jantar estava na mesa chamaram a pequenita, que entrou socegada. Com grande admiração viu uma cadeira antiga de creança posta para ella entre o snr. e a snr.ª Fonseca. Ella nunca se havia sentado em cadeira alguma d'aquelle feitio, e foi com algum embaraço e um riso meio reprimido que se encarrapitou na mesma. Uma vez sentada, sacudiu a cabecinha loira e olhou de modo triumphante ao redor, até encontrar o olhar de Fonseca que estava fixo n'ella. Havia uma expressão tão triste n'esse olhar, que a alegria de Maria desappareceu. Começou a pensar de quem seria a cadeira em que estava sentada. Em seguida lembrou-se que outra creança teria outr'ora occupado esse logar, e arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas quando os voltou para aquella que lhe permittia o tratamento de avó.

Fonseca tinha costume de dar graças a Deus antes de começar a comer; como muitas outras pessoas, tinha-o feito sempre, e exactamente nas mesmas palavras.

Mais do que isso, raras vezes variava o tom em que dava graças; em summa, era um habito n'elle inveterado. Pronunciava as palavras devidas, mas á força de as repetir, perdera-lhes o sentido, e não fazia mais do que recital-as inconsciente e machinalmente.

Seja como fôr, este costume de dar graças, é talvez uma das maiores provas da verdadeira devoção.

Acceitar as bençãos de Deus e não mostrar em tro-

ca algum reconhecimento não é mais nem menos do que profanidade; é simplesmente proprio de um pagão. Peior do que isso, é practicamente negar a mão do Senhor, só a qual póde dar ou abençoar o alimento.

Mas, além do mero facto de oração, a fé viva se mostra na maneira com que acceitamos a dadiva do pão quotidiano que nos vem de nosso Pae celestial.

N'esta occasião Fonseca deu graças, mas n'um tom mais humilde e suave do que costumava; e, quando acabou a oração usual, accrescentou muito devagar e com solemnidade, aquellas palavras que o judeu lhe tinha recordado, «E perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós tambem perdoâmos aos nossos devedores, pelo amor de Jesus. Amen.»

Nenhum dos que estavam á mesa se achava com vontade de prolongar a reunião d'essa tarde.

Era como se a sombra d'algum grande acontecimento futuro tivesse caido sobre todos. Demais Lazaro e a pequena tinham de se apressar para chegarem a tempo á aula Biblica.

Ella nunca tinha deixado de ir, e não queria faltar agora, especialmente n'este dia em que Deus tinha sido tão bom para ella, e em que ella tanta felicidade tinha gozado.

Apezar de tudo isto, Maria não foi á escola n'esse domingo de tarde.

CAPITULO X.

Ella entende?

—Está ahi um rapaz á sua espera.

Foi a snr.ª Viegas que soltou esta phrase. Ou a raridade de tal occorrencia, ou o aspecto do mensageiro, ou o que ella tinha podido descobrir d'elle, ou talvez tudo combinado, devia ter poderosamente impressionado aquella boa senhora, tão differente era o modo actual, do porte socegado, para não dizer nobre, que geralmente a distinguia. Em vez de esperar no seu quarto a volta do Lazaro e da pequena, como teria feito, estava á espera d'elles, e correu a abrir-lhes a porta quasi antes que Abrahão podesse bater, adiantando-se a Josepha, que estava toda admirada. Quasi sem poder respirar em vista da excitação em que estava, deu aquella novidade, attentando no rosto do judeu como se quizesse ler-lhe ahi o motivo porque o procuravam.

—Um rapaz?—perguntou Lazaro, meio incredulo. —Que quererá elle?

Esta indifferença deixou estupefacta a snr.ª Viegas.

Sem esperar por que o rapaz désse o seu recado, apresentou-o ella mesmo, juntando ao mesmo tempo o que tinha colligido das circumstancias do caso. O rapaz vinha d'uma casa onde estava um sujeito a morrer. Este, nos intervallos lucidos, entre outras phrases entre-

cortadas, tinha supplicado que mandassem chamar o «velho Lazaro.»

Mas, nunca poderam descobrir quem o doente realmente queria, nem onde deviam mandar.

Mas n'essa tarde, durante um periodo maior de lucidez, tinha dado as direcções necessarias, e por consequencia o rapaz andava agora á procura do snr. Lazaro.

Até aqui chegava a informação da snr.ª Viegas, repetida depois pelo proprio rapaz. Alem d'isso a boa senhora descobriu que o tal sujeito adoecera dois, ou tres dias depois de se installar na casa em que agora estava, e que inspirava uma certa desconfiança o seu modo de viver; que tinha pago a renda por quinze dias; e que pelas suas relações e seus habitos, não parecia ter falta de dinheiro. De tudo isto a snr.ª Viegas concluia, e não pôde deixar de o segredar a Lazaro, que, se elle não conhecia tal sujeito, então deviam ter alguma relação com a pequenina Maria, aquelles desejos do doente, e talvez fossem de algum interesse para a creança.

Na verdade, a snr.ª Viegas, cuja experiencia do mundo e da vida era principalmente derivada d'algumas historias muito exaggeradas que lera em novellas de sensação, já tinha no seu entender concluido que a pequena Maria estava prestes a herdar uma grande fortuna, legada por algum tio, ou irmão, ou primo muito rico—pouco importava qual fosse, com tanto que o resultado fosse o mesmo.

Com toda a certeza que Lazaro nada sabia do tal sujeito. As pessoas do seu conhecimento eram bem poucas, e nenhuma correspondia ás informações, dadas pelo

rapaz. As suggestões da snr.ª Viegas de maneira nenhuma acalmaram o espirito de Lazaro. Posto que dotado d'um caracter inflexivel e justo, o seu primeiro impulso teria sido o de sacrificar o futuro da pequena, afim de a conservar comsigo. Não tinha elle estado prompto a abandonar tudo por sua causa, e a perecer na lucta se fosse preciso? Porque a não reclamaria elle como sua, agora que tinha ganho a batalha? Mas taes pensamentos não se demoraram na sua mente. Uma leve consideração o levou á convicção de que, fosse quem fosse o estranho que desejava vel-o, elle nada podia saber a respeito da pequena Maria.

Não lhe era ella mesmo para elle Lazaro, —sem nome—? Não a tinha elle adoptado, em parte porque ella se achava inteiramente só no mundo? Mas mesmo se tudo que a snr.ª Viegas tinha imaginado fosse realmente verdade, que direito tinha elle de se entremetter na sua felicidade? A idéa era inteiramente absurda! Como muitos de nós em circumstancias similhantes, o velho Lazaro tornou-se tanto mais resolvido a não se oppôr á fortuna inesperada da pequena, quanto mais se convencia que não havia probabilidade nenhuma de tal acontecer.

Por fim, concluidas as deliberações, tanto collectivas como individuaes, Lazaro declarou que estava prompto a seguir o rapaz. Maria não tinha tomado parte na discussão, mas tinha mudado de côr varias vezes quando o mensageiro explicava o caso. Tinha-se decidido que Lazaro a levaria á escola Dominical, e que Josepha iria ao seu encontro quando voltasse. A peque-

na nada disse, ainda que do coração desejasse, não sabia porquê, acompanhar Abrahão. Nunca tinha estado em presença da morte, senão n'aquella noite em que sua mãe lhe fôra levada. Seria a lembrança do passado, ou adivinhava ella o futuro? Por mais de uma vez esteve a ponto de pedir licença a Lazaro para o acompanhar, mas faltou-lhe o animo.

Caminharam em silencio até á esquina da rua onde costumavam separar-se.

—A menina vae-se embora?—perguntou o rapaz, que até aqui se tinha conservado calado, comquanto fosse observando Maria com attenção. O rapaz teria os seus treze annos, tinha bastante cabello curto e uma quantidade de sardas por toda a cara.

A pergunta surprehendeu tanto a Lazaro como á pequena. Mal acabava a admiração dos dois, quando elle lhe dirigiu outra pergunta.

—Por acaso a menina terá uma Biblia comsigo?

Maria apontou para a Biblia de sua mãe, embrulhada com todo o cuidado no lenço.

Sempre levava essa Biblia para a escola Dominical.

—Eu disse isto—continuou o rapaz—porque o tal sujeito está sempre a pedir uma, e nós não temos.

—Pae Abrahão,—segredou a pequena, com instancia,—eu irei comsigo.

Aquellas palavras foram ditas d'um modo tão estranho que elle não pôde recusar. Nunca tinha visto a creança como agora. Se tivesse tido tempo para considerar, não teria consentido, mas como foi tomado de improviso, calou-se.

Ella tomou aquelle silencio como consentimento e antes d'elle formular uma resposta definitiva, já ella o tinha acompanhado uma parte do caminho. Agora era impossivel mandal-a embora. O judeu, zeloso como tinha sido da sua religião, de facto nada conhecia da Providencia, ainda que ultimamente alguns raios de luz tivessem penetrado nas suas trevas. Era elle então impellido contra sua vontade n'uma corrente onde um poder superior o conservava!

Por fim chegaram ao seu destino. Não era casa de apparencia respeitavel; não parecia sitio que uma pessoa abastada escolhesse para residencia

Abrahão olhou inquieto para o primeiro andar, em seguida para a pequena; mas já era tarde demais. O rapaz tinha desapparecido apressadamente pela entrada posterior, e agora abria a porta para os receber. Uma mulher mal vestida os esperava n'uma entrada estreita; o cabello estava encrespado pela poeira e falta de pentear; o vestido de chita pregado aqui e alli com alfinetes; e as mãos, pulsos e braços, cobertos de uma crosta de sugidade, de que uma lavagem simples só produziria um effeito superficial. A mulher fallava com uma voz aspera e dura, e cujo som parecia o de uma porta que se move sobre gonzos enferrujados. «O senhor é que é o snr. Lazaro?» perguntou a mulher.

O judeu acenou com a cabeça.

—E quem é essa menina?—apontando para Maria.

—Ella traz a Biblia,—interpoz o rapaz com mau modo, tentando chegar-se para a pequenita, que se conservava perto de Abrahão.

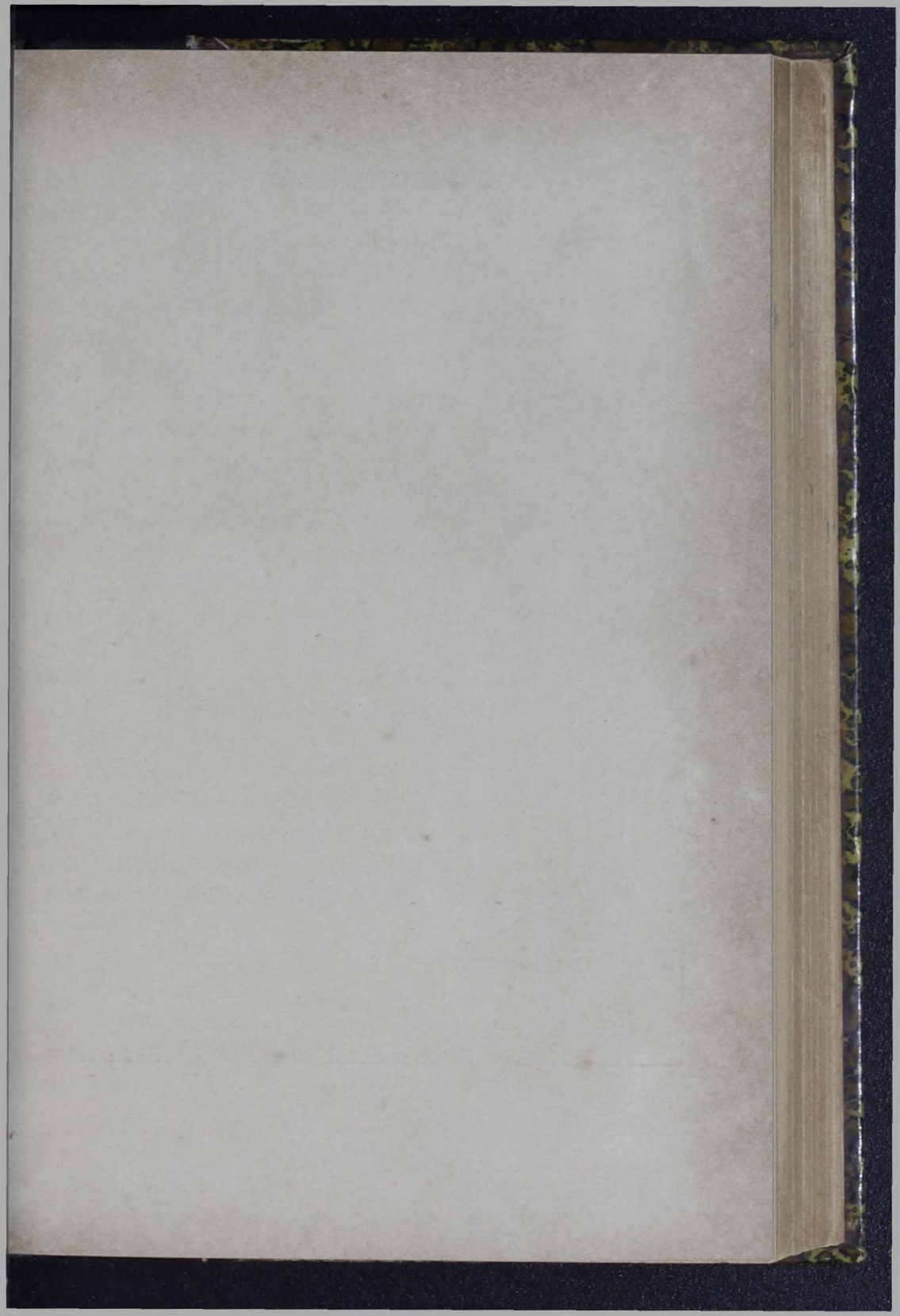
—Cala a bocca, e não te mettas onde não és chamado, David,—resmungou a mulher, tentando dar um bofetão no filho.

Este áparte teve ao menos o feliz effeito de ficarem livres da presença de David. Sem dizer mais nada, a mulher conduziu-os para cima. Havia um cheiro desagradavel pela casa, como se não fosse arejada ha mezes. Lazaro e a pequena subiram sem fazer bulha, quasi com solemnidade. Mas a mulher pouco caso fez do doente. Justamente quando ia a abrir a porta, parou e voltou-se para Lazaro.

—Elle está muito mal, está—disse ella, apontando para a porta, mas sem abaixar a voz;—e tem estado muito esquisito,—accrescentou ella,—no seu delirio, pobre homem! tem chamado por si, senhor—(fallando com Lazaro);—mas a maior parte das vezes falla em peccado, como diz o padre; mas é tudo aqui—e a mulher bateu na testa—como diz o medico, e elle pode-nos recommendar, a mim e ao meu homem, porque nos conhece bem, e elle é um cavalheiro!

A connexão entre as partes da oração não parecia muito clara, mas com uma especie de instincto celestial, e um ardor muito fóra do natural da creança envergonhada, Maria comprehendeu a parte mais importante.

—Que disse elle a respeito do peccado?—perguntou.

—Que disse a respeito do peccado, menina?—disse a mulher com um riso de desprezo;—aquillo estava muito mal a respeito de peccado; em summa, póde ser que não estivesse peior do que outros, que parecem

melhores, mas, o que é verdade é que estava sempre a supplicar o perdão para as suas culpas.

Então recordando-se repentinamente, voltou-se para Lazaro e continuou:

—Elle está muito mal, está! e se o senhor vem tomar conta d'elle, peço-lhe o favor de não se esquecer que o meu homem trabalha em fazer caixões, e sabe tratar de enterros, bonitos e baratos.

Assim dizendo, tirou da algibeira um cartão sujo.

Lazaro e a pequena estavam indignados ao ver o egoismo grosseiro da mulher em presença da morte. Deixaram-n'a e entraram no quarto.

A luz do dia ia-se desvanecendo; as cortinas estavam corridas e as janellas meio-fechadas. A grande quantidade de combustivel que ardia no fogão tornava a atmosphera quasi suffocante. Sobre uma mesa estava uma pequena luz. Essa luz, e a chamma que saia do fogão, é que faziam destinguír os objectos que guarneciam o quarto. Contra a parede e defronte do fogão estava uma grande cama, com suas cortinas desbotadas, quasi de todo corridas. Ali, como a respiração irregular attestava, estava deitado o moribundo. A seu lado, sobre uma pequena mesa, estava uma garrafa com remedio e um copo. Tambem se via um relogio de oiro, com corrente e medalha. Foi preciso algum tempo, para que a vista de Lazaro se habituasse áquella luz e podesse ver todos estes objectos.

O quarto era grande, mas pobremente mobilado com uma porção de cadeiras deseguaes, sofá, mesa redonda, tapete e cortinas, objectos estes que, apparente-

mente da mesma epocha, não condiziam uns com os outros.

A mulher, tendo apontado para a cama saiu do quarto. Lazaro approximou-se docemente do doente. A sua attenção foi attrahida primeiramente pelo relogio que estava sobre a mesa. Pareceu-lhe conhecel-o. Então levantando a cortina, olhou para a cama. Logo em seguida deixou-a cair.

Quando voltou para o fogão, junto do qual a pequena estava, transparecia-lhe no rosto um olhar de allivio, quasi um sorriso de satisfação. Que seria?

Seria possivel que o homem escapasse? Lazaro abanou a cabeça. Não podia entrar em explicações com a creança. Posto que muito desfigurado estivesse o doente, tinha reconhecido n'elle o guarda-livros da loja, d'onde elle tinha sido tão cruelmente expulso. O judeu ficou sempre desconfiado de que elle contribuira para a sua despedida, provavelmente para se ver livre de importunações ácerca do dinheiro que lhe tinha confiado.

Se tal tivesse sido o seu alvo, certamente que tinha tirado resultado, porque depois d'algumas tentativas inuteis, Lazaro tinha perdido a esperança de recuperar o seu peculio. Por ultimo chegou a concluir comsigo mesmo, que melhor fôra perder o dinheiro do que tirar lucro das especulações illicitas em que tencionava empregal-o. Mas o que quereria o homem agora com elle? Era natural saber onde elle morava porque tinha deixado a sua direcção na loja. Mas o que quereria elle? Estaria elle a braços com o arrependimento, como a mulher dizia, e tel-o-hia mandado chamar para lhe

entregar antes de morrer o capital que lhe havia roubado tão deshumanamente? ou quereria que o perdoasse pelo mal que lhe tinha feito na loja?

Por outro lado, saber que era elle, o guarda-livros da loja, e não um millionario mysterioso, como a snr.ª Viegas tinha imaginado—era para Lazaro um grande allivio. Podia de bom grado perder todo o seu dinheiro, tanto que tivesse a sua pequenina Maria. No impulso do momento, sentia-se mais do que nunca prompto a perdoar-lhe o mal que lhe tinha feito. Tranquillisando o espirito, Lazaro pôde considerar, á luz da muita experiencia que tinha alcançado durante a sua ardua existencia, o que seria melhor n'estas circumstancias fazer ao doente. Tudo o que fizesse para lhe minorar o soffrimento e prolongar-lhe a vida, seria de incontestavel vantagem para o enfermo.

Acenou a Maria que se sentasse, e em seguida começou, fazendo o menor ruido possivel, a amortecer o lume do fogão. Feito isto, abriu as portas e as vidraças, apagou a luz, e puxou as cortinas para os lados. Pouco a pouco o ar fresco ia penetrando no quarto. O effeito sobre o doente foi quasi instantaneo. A respiração tornou-se mais socegada e o somno mais leve.

Por mais de uma hora o velho e a creança vellaram aquelle leito de morte. Nem uma palavra se trocou entre elles. Maria recordava-se d'aquella noite em que encontrára Lazaro pela primeira vez. Pensava em tudo que se tinha passado desde então, e o seu coração encheu-se de gratidão para com o Senhor, e de amor para com aquelle que tinha tomado cuidado d'ella. Não ha-

via nada que não fizesse ou soffresse voluntariamente por Lazaro. Mas que podia fazer uma creança como ella? Alem d'isso, dizia comsigo que Deus velaria sempre por elle. Porque, onde se encontraria melhor homem que seu avô?

Se ella podesse amar e servir ao Senhor como elle fazia! Tentaria fazel-o, procuraria na Biblia de sua mãe os textos que a guiassem, e pediria ao pae Abrahão—o que nunca tinha feito até aqui—não sómente que lhe escutasse as lições e orações, mas que a instruisse e orasse com ella. Agora, ao pé d'aquelle moribundo, seria boa occasião para ler. Abrahão lhe diria que parte devia escolher, havia de orar tambem, e ella aprenderia.

De subito ouviu-se um gemido, que se repetiu logo em seguida.

Ambos se levantaram machinalmente fazendo tenção de se approximarem do doente. Lazaro acenou á creança que se sentasse, e dirigiu-se nos bicos dos pés para junto da cama. O doente estava muito desasocegado, contorcia os braços, e apertava entre os dedos uma parte da coberta. Lazaro curvou-se para observar se podia ouvir algum som. Por fim o doente fallou distinctamente.

—Onde está Lazaro?

Antes que este lhe podesse responder, a mesma voz disse:—Mandem chamar Lazaro—o judeu Lazaro!—

Não obstante a occasião que era, o judeu involuntariamente voltou-se. Teria Maria ouvido essa terrivel palavra, que elle tanto tinha feito para esconder d'ella e

a qual elle teria dado tudo para que ella a ignorasse para sempre? Se a tivesse ouvido, pensava elle, o laço que os unia estava quebrado para sempre.

Elle sabia, ou cuidava que sabia o que uma creança christã deve sentir por um judeu. Não poderia haver d'ahi em deante mais confiança entre elles, nem mais amor, nem amisade.

Eram de differentes raças, tinham um Deus e um ceu differentes. Foi o momento mais terrivel da sua vida. Antes quizera estar no logar do moribundo! Mas então o que seria feito de Maria? oh! se não tivesse nascido judeu!

Mas não; ainda repellia esse pensamento com horror.

Parecia-lhe uma apostasia, posto que não encarasse o christianismo com os sentimentos communs aos judeus. Conhecia-o e reverenciava-o demais para fazer d'elle uns taes juizos.

Mas, com o espirito eivado de preconceitos, ainda lhe parecia que um judeu que abandona a synagoga e faz profissão de christão, commette uma apostasia.

Mas teria Maria ouvido aquella palavra? Lazaro olhou com inquietação para a pequena. O quarto estava escuro; alguns carvões accesos davam uma fraca luz, que só deixava distinguir os vultos, mas não a expressão das caras. Via-se a figura de Maria encostada contra a parede ao pé da chaminé; ella não se movia; parecia insensivel a tudo. Teria estado a dormir e teria a palavra fatal passado inapercebida a seus ouvidos?

Abrahão pensava conhecel-a sufficientemente para concluir que ella teria dado algum signal de emoção se tivesse ouvido e entendido a palavra.

Tudo isto se passou em menos tempo do que tenho levado em narral-o. N'um instante Lazaro estava ao lado do moribundo.

— Estou aqui. Que quer de mim?

O guarda-livros fez um esforço para se encostar ao cotovello, ou ao menos para se virar, mas não pôde.

—Falle comigo,—continuou o judeu.—Sou Lazaro. O que quer?

Passaram alguns minutos sem que elle podesse obedecer. Ou as forças estavam exhaustas pelo esforço que tinha feito, ou elle estava commovido pela rapidez com que o seu desejo tinha sido satisfeito. Lazaro levantou-o um pouco.

—Fonseca—murmurou o moribundo.

Lazaro não comprehendeu o que elle queria.

—O que é que quer?

O guarda-livros fez signal de impaciencia.

—Fonseca! Elle foi á loja por sua causa. Traga aqui o Fonseca—depressa, o Fonseca!

Por um momento Lazaro ficou admirado. Depois comprehendeu. Fosse lá o que fosse, evidentemente o guarda-livros não queria morrer sem ver Fonseca, e foi por essa razão, para descobrir onde elle morava e obter a sua presença, que o moribundo o mandou chamar a elle, Lazaro. Mas o que quereria dizer tudo isto? Elle não sabia que Fonseca era conhecido do guarda-livros.

Nem o seu bemfeitor nem sua esposa lhe tinham dado o minimo indicio d'isso. Comtudo o seu dever era cumprir o pedido do enfermo.

Voltou-se para sair do quarto a enviar uma pessoa a casa de Fonseca. O logar onde Maria se havia assentado estava vago; ella tinha comprehendido o pedido do moribundo mais depressa de que Abrahão. Emquanto elle procurava a porta, ouviu fechar a cancella, e em seguida sentiu os passos do rapaz que se affastava apressadamente.

CAPITULO XI.

«Perdido» e «achado»

As horas passaram bem devagar; e que horas jámais passam mais devagar do que aquellas passadas em vigilia silenciosa ao lado d'um doente?

O relogio grande de parede, ia marcando com as suas pancadas, a exacta medida do tempo, que tão vagaroso e cheio de monotonia é ás vezes, e n'outras tão rapido e fugitivo. Era um som melancholico que não animava, mas antes causava tedio. As ruas tornavam-se desertas. Primeiro tinha passado muita gente que voltava da égreja, depois só as pessoas que voltavam dos divertimentos eram as que passavam; e essas mesmas iam rareiando com o adiantado da hora.

Domingo á noite é essencialmente a festa de familia—o tempo mais alegre á familia Christã, onde sómente se pode plenamente gozar o que, no sentido proprio da palavra, Deus tem designado e dado para o uso do homem—aquillo que Elle adaptou á sua natureza, e ás suas necessidades, e de que o dotou para sua felicidade.

A mesa estava puxada para um lado, afim de que o doente não fosse incommodado pela luz do candieiro que Abrahão tinha acendido, prevendo a vigilia que os esperava.

Convencido de que Fonseca appareceria no decurso d'algumas horas, o moribundo tinha-se disposto a descançar. D'um lado da mesa estava Lazaro, apparentemente entretido com um livro, mas todo o tempo lançando olhares furtivos para a creança, que estava do outro lado. A pequena Maria estava, como de costume, entretida com a Biblia de sua mãe. Quão agilmente ella corria as paginas, voltando de livro a livro, e do velho para o novo Testamento. Estava tão embebida na sua occupação, que se esqueceu da presença de Lazaro, até que uma vez olhando por acaso, encontrou o olhar penetrante do judeu, e depressa abaixou os olhos, como se temesse que elle lesse o seu pensamento, e subiu-lhe a côr ao rosto, pallido e macillento. O que procurava ella? Teria ella ouvido aquella terrivel palavra—judeu?—

Por fim terminou a sua occupação; fechou o livro e encostou-se com um sorriso de satisfação, olhando para Abrahão com mais amor e confiança que de cos-

tume. Por algum tempo a pequena combateu corajosamente contra a fadiga e a reacção operada depois do excitamento; depois pouco a pouco os olhos fecharam-se-lhe e a cabecinha pendeu para diante. Abrahão continuava silencioso, olhando para ella.

O tique-taque monotono do relogio, e de vez em quando os passos d'um transeunte retardado, eram os unicos sons que se ouviam, além da respiração leve da creança, e do gemer irregular e lento do doente. Deram dez horas, depois onze. Era perto da meia noite. Por fim ouviram-se passos apressados, e a cancella que se fechava, indicando que o mensageiro voltava.

Tão depressa e tão silenciosamente quanto pôde, Abrahão saiu do quarto para indagar o resultado. O rapaz tinha fallado com a snr.ª Fonseca. Ella viria logo pela manhã, mas não podia deixar o seu marido n'essa noite, nem lhe communicaria o desejo do moribundo. Ainda que Abrahão não tivesse esperado tal resposta—e qual de nós em eguaes circunstancias teria presença de espirito para se preparar para aquillo que aliás a rasão e a experiencia lhe poderia ter dito que esperasse?—elle logo percebeu que a snr.ª Fonseca tinha decidido bem. Comtudo, foi com o coração ainda mais pesado que voltou para o quarto do doente.

Como poderia dizer ao moribundo que aquelle que elle tanto desejava ver não viria?

Mas Abrahão não foi o unico que ouviu voltar o rapaz.

Maria accordou sobresaltada justamente quando Lazaro fechou a porta ao sair. Um grito involuntario

que lhe escapou ao achar-se só, perturbou o somno ligeiro e inquieto do moribundo. Gemeu lentamente, e virou-se d'um lado para o outro.

N'um momento Maria estava senhora de si, e approximou-se do leito O moribundo abriu os olhos envidraçados e fixou-os, primeiro n'ella, e em seguida na Biblia que ella tinha na mão. Uma luz estranha se viu n'elles.

Devia ter visto alguma visão singular. Não via a creança, mas alguma outra pessoa.

—Quereis que eu leia na Biblia?—perguntou a creança com timidez, não se esquecendo do fim com que tinha vindo.

O moribundo continuou olhando para ella, como se tentasse destinguir um objecto entre uma massa confusa de caras e visões que estivessem diante d'elle. Quando por fim fallou, fel-o com voz muito fraca, e muitas vezes intercortada pela respiração difficil. Mas apezar do esforço ser grande, as palavras proferidas não eram mais claras do que anteriormente.

—Eugenia,—murmurou elle, tentando estender a mão para a creança, mas sem o poder fazer.

—Eugenia, vieste ter commigo! e a tua Biblia! Oh, queres perdoar-me? diz-me Eugenia.

A creança chegou-se para elle—tinha perdido todo o medo.

—Quereis que vos falle a respeito de Jesus?—segredou-lhe ella.

—Jesus!—repetiu elle, ao mesmo tempo deixando cair a mão.

N'esse momento Abrahão, que tinha ouvido na escada a voz da creança, abriu a porta, e devagarinho escondeu-se ao pé da cama, fóra da vista e do alcance. Tão absorvidos estavam ambos que não observaram a entrada do judeu. Que versiculo repetiria Maria? Esta não era occasião para ler uma passagem completa a não ser a pedido do moribundo.

Ella levantou o coração a Jesus, e pediu — oh! cordeiro de Deus, guia-me! —

Nas horas que tinham decorrido depois de ter ouvido a palavra—judeu—porque ella a tinha ouvido, não obstante a esperança de Lazaro do contrario—pensamentos solemnes lhe tinham vindo á idéa. Judeu!

Ella sabia alguma coisa a respeito dos judeus da Biblia — do velho Testamento — e portanto não devia amal-os. Mas não—conhecia-os tambem pelo Novo Testamento.

Não eram elles aquelles escribas e phariseus que odiaram a Jesus—aquelles que tinham pegado em pedras para o matar—aquelles que o tinham entregado a ser crucificado—que o tinham escarnecido, e gritado, «Tira-o, tira-o, crucifica-o!»

Mas o seu querido pae Abrahão—elle não estava entre elles—elle não era um d'elles. Não ia elle á egreja todos os domingos?

Não!—d'isso não estava ella bem certa, e a duvida lhe causou dôr.

Mas não ajoelhava ella ao pé d'elle para dizer a sua oração? Não a ouvia elle todas as noites dizer os textos e versiculos da Escriptura? Quantas vezes lhe

tinha ella lido as palavras de Jesus, e como elle tinha curvado a cabeça em reverencia! não estava na Biblia —e ella folheou apressadamente o livro até que achou o logar—«aquelle que não é contra nós, é por nós»? Mas havia outra passagem que parecia corresponder á primeira, «O que não é comigo é contra mim.» Seria assim? Mas voltou para a sua primeira convicção. O seu querido pae Abrahão não podia ser contra o santo Christo, que tinha derramado seu precioso sangue por elle. Não—não podia ser.

Elle não estava contra pessoa alguma—nem mesmo contra os maus. E como elle a amava; a ella uma pobre creança que tinha recolhido como desamparada e abandonada, e com tanta caridade a tomou para si! Quanto devia elle amar ao Senhor Jesus, que desceu do ceu a «buscar e salvar o que tinha perecido!» Esse era o versiculo—pois não era? E outra vez folheou o livro até chegar a estas palavras, e leu-as e releu-as, imprimindo-lhe o seu glorioso sentido.

Era claro—Abrahão não era um d'esses judeus malvados do Novo Testamento.

Por conseguinte devia de ser um dos outros, que desejavam escutar a Jesus. Começaria no evangelho de S. João, descobriria a sua historia, e veria se pelas suas palavras poderia reconhecer n'elles alguma similhança com Lazaro. Começou, portanto a ler o evangelho.

O precursor de Jesus, era judeu, e suas palavras, as que chamaram outros judeus a Jesus, foram estas, «Eis-aqui o cordeiro de Deus, eis-aqui o que tira o pec-

cado do muudo.» Este era um dos textos favoritos de Maria, e ella se deleitou n'elle antes de principiar a procurar as varias passagens referidas na margem. Estava bem accostumada a estudar assim as Escripturas, e passava muitas horas a procurar as «referencias» na Biblia de sua mãe. Recorreu primeiro ao que foi escripto por Moysés na lei a respeito do cordeiro sacrificial; depois passou á luz mais clara da prophecia, até que chegou á predicção maravilhosa de Isaias a respeito dos soffrimentos do Calvario. Mais adiante seguiu as pisadas do Cordeiro, até chegar ao explendor da manhã da ressurreição, e leu, como se estivesse escripto por cima de toda essa historia, outro texto favorito d'ella, «O sangue de Jesus Christo seu Filho purifica-nos de todo o peccado.» Esta busca tinha-lhe ensinado claramente uma coisa.

Pela primeira vez comprehendeu o «mysterio dos gentios,» e pela primeira vez aprendeu que Aquelle que era o Salvador do mundo era tambem o «rei dos judeus.»

Tendo procurado tudo o que queria e fechado o livro, olhou para o seu querido pae Abrahão (com amor mais intenso) de quem este Jesus era rei; e adormeceu repetindo para si, e dizendo ao Senhor, que certamente seu pae havia de reconhecer as Suas reaes pretenções.

Estes pensamentos e estas indagações, ainda que não estivessem ligadas ás necessidades do moribundo, comtudo vieram muito a proposito, quando Maria, tendo pedido ao Senhor que a guiasse, considerou qual

o texto da Escriptura a que deveria recorrer. Não havia muito tempo para deliberar, ainda mesmo que estivesse em estado de o fazer; portanto escolheu esses textos que ultimamente tinham servido para a dirigir, nas suas indagações. Serviu-se d'elles conforme lhe vieram á memoria.

«Eis-aqui o cordeiro de Deus, que tira o peccado do mundo.» Maria teve de o repetir duas vezes antes que elle parecesse comprehender o que queria dizer. Á terceira vez os labios tentaram formar palavras, quando ella as repetiu lenta e emphaticamente. Pela expressão do seu rosto viu que as comprehendia.

O veu ia-se levantando devagar; a luz do outro mundo estava penetrando nas trevas d'esta vida, por entre as trevas ainda mais profundas da sombra da morte, e aquella espessa escuridão de que ha tanto tempo estava rodeado.

Era como se o moribundo estivesse actualmente tentando ver alguma coisa atravez da nevoa e sombra que se accumulavam.

Uma vez e outra levantou a mão, como para tirar alguma coisa que se mettia entre elle e a visão, ou para agarrar alguma coisa de que apenas via a imagem. Por fim socegou.

Era evidente que via, fosse o que fosse.

Eugenia—Eugenia—vejo-O! Põe-me mais perto—oh! mais perto—ajuda-me para cima!—o moribundo tentou levantar ambas as mãos, mas cairam-lhe sem forças.—Não—não posso! não posso! ainda lá está—ali—Eugenia!

A creança não sabia que dizer nem que fazer. Lembrou-se como Satanaz se approximou mesmo do Senhor, e como foi repellido o seu assalto pela palavra do Deus vivo.

Mas tinha medo de fallar. O doente estava preparando-se para fazer um grande esforço; porque de cada vez as palavras eram proferidas com maior difficuldade.

—Eugenia—Eugenia—vejo-O—ali—o Senhor Jesus—mas não me posso levantar e segurar-me a Elle—Eugenia—alguma coisa para me encostar—para me levantar.

De repente Maria lembrou-se d'um texto, e repetiu-o lentamente:

«O Filho do homem veiu buscar e salvar o que estava perdido».

Repetiu-o duas vezes, palavra por palavra. Depois, como os labios do moribundo outra vez parecessem formar as palavras, viu pela sua expressão que não sómente as comprehendia mas realisava a sua importancia.

A mão do lado d'ella pareceu-lhe abrir-se, como se descançasse n'estas palavras como sobre alguma coisa que o podesse levantar. Estava agora ou fraco de mais ou feliz demais para poder fallar; mas estendeu a outra mão como procurando outro descanço.

Maria curvou-se até que quasi lhe tocava na testa e deu-lhe o ultimo texto: «O sangue de Jesus Christo seu Filho purifica de todo o peccado.» Não seria is-

so sufficiente para tudo que carecia? Não se lembrava n'este instante d'outro texto.

D'esta vez não foi preciso repetir as palavras, o moribundo tinha-as comprehendido perfeitamente. Um raio de luz e satisfação lhe passou pelo rosto transformando-lhe as feições. Fechou os olhos; os labios mexeram-se como se repetisse as palavras; ambas as mãos ainda estavam abertas, como se descançasse todo o seu peso sobre alguma coisa a seu lado, que o levantava. A respiração tornou-se mais fraca e vagarosa; mas estava agora regular e socegada. Era tão tranquilla e socegada, que a pequena Maria julgou que elle tinha deixado o mundo; mas não era assim.

Houve um intervallo, interrompido só pelos seluços da creança. As lagrimas corriam pelas faces de Abrahão. Não ousava apparecer. O que mais lhe pesava no coração era a palavra «judeu». Elle não tinha consolação a offerecer, nenhuma direcção pela qual conduzisse o peccador desanimado fóra da sombra e terror do peccado e da morte, até á luz da paz e do ceu.

Se isto fosse verdade--verdade como elle o via diante de si--quão infeliz não era èlle,—o judeu.—Foi junto do leito da morte que Lazaro se achou realmente na presença d'Aquelle que tem as chaves da morte e do inferno.

A voz do moribundo quando tornou a fallar estava tão fraca, que a creança teve de se curvar até ao travesseiro para ouvir as palavras. Estava no seu perfeito juizo, e ouviu tudo que se lhe dizia; mas, emquanto aos que o rodeavam, as suas ideas voltavam pa-

ra o passado. Depois d'um olhar penetrante para o rosto de Maria, pareceu ter decidido que era uma que elle tinha conhecido como «Eugenia». Como tal a tratava e lhe dirigia a palavra, apparentemente ignorando que lhe era estranha e uma creança. Curtos como eram os intervallos quando podia fallar, e intercortadas as phrases, podia dizer a Eugenia, que Jesus lhe era sufficiente—que descançava em Jesus.

E de vez em quando olhava para a creança com tanta confiança como se estivesse bem certo do seu amor. Havia um quer que seja muito tocante n'este esquecimento do presente e n'esta conversa com outra que o tinha amado, mas que estava muito longe—talvez para nunca mais voltar. Mas de repente outras recordações lhe vieram.

—Oh, Eugenia—nossa filha—um grande estremecimento abalou o moribundo; quiz levantar o braço, como para apalpar alguma coisa, mas caiu-lhe sem força. Moveu os dedos convulsamente, como procurando o que não estava lá.

—Nossa filha—Eugenia—onde está ella? Pae—eu pequei.

Não pôde dizer mais.

Maria acabou a citação.

A luz tornou a romper pelas nuvens e o doente disse em voz baixinha: «Amen. Eugenia—tu perdoas tudo?»

A creança não sabia o que devia responder. As palavras de certo eram dirigidas a outra pessoa. Como podia ella perdoar? Que tinha ella a perdoar? A in-

quietação do moribundo tornava-se em terrivel angustia.

— Oh, perdoae!—gemia elle—Christo tem perdoado.

Veiu então ao espirito da creança, como impellida por uma força poderosa:

—Nós todos perdoamos, assim como Christo tem perdoado,—disse em voz baixa mas firme.

O moribundo ouviu as palavras. A luz do mundo estava rapidamente desvanecendo-se d'elle.

Moveu os labios como se procurasse alguma coisa. A creança comprehendeu-o. Lentamente lhe beijou a testa.

—Pae—pequei—não sou digno—

Então poz as mãos como para descançar. Em breve outra expressão lhe passou pelo rosto. A respiração tornou-se mais lenta—e tudo acabou.

Estava «perdido» mas fôra «achado».

CAPITULO XII.

Em descanço

Quando Maria tornou a si já se sentia o sol do estio. Quiz lembrar-se onde estava, mas em vão. O quarto estava escuro e tudo em silencio, mas ella não estava só; alguem estava vigiando. Como um raio do sol penetrasse pela greta do postigo, Maria julgou reconhe-

cer a figura da snr.ª Fonseca, com alguma coisa na mão, que lhe parecía ser a Biblia de sua mãe; procurou por ella, mas a Biblia não estava como de costume ao pé do travesseiro.

Esta circumstancia trouxe-lhe á memoria alguns dos acontecimentos da vespera.

Esforçou-se por despertar, mas sentiu como se lhe fóra impossivel fallar, ou ter os olhos abertos, tanto lhe doia a cabeça. E comtudo scenas devéras estranhas lhe passavam pela mente, e palavras solemnes lhe pareciam soar aos ouvidos. Aquillo de que mais distinctamente se recordava era do moribundo lhe ter supplicado que o perdoasse em seu nome e n'outros, e depois, de ter chegado os labios áquella fronte fria e humida, como para sellar o seu amor e perdão. Um grito meio supprimido trouxe a snr.ª Fonseca ao seu lado.

—Onde estou eu? Elle está ahi? onde está o pae Abrahão?

—Cala-te, minha querida filha, minha joia! — As palavras foram pronunciadas como se ella apenas podesse reprimir a sua emoção. Maria sentiu as lagrimas que lhe cahiram na cara e na cabeça.—Estou comtigo, minha querida filha; mas não falles; espera até teres mais forças.

—Mas a minha Biblia?—e Maria procurava o thesouro que sempre conservava a seu lado.

—Cala-te, tenho-a eu, é de tua querida mãe—de minha filha,—accrescentou ella lentamente, retirandose da doente.

—Então vós sois minha avó,—disse em voz mui-

to baixa a creança.—Eu te agradeço Senhor Jesus, por minha avó.

Estas foram as ultimas palavras que a snr.ª Fonseca lhe ouviu por muitos dias. As palpebras pesadas fecharam-se, e caiu outra vez n'uma syncope.

Quanto tempo esteve n'essa lethargia pesada nunca soube. De vez em quando via novas scenas e caras que momentaneamente lhe passavam pela frente, recahindo em seguida no desfallecimento. Uma e outra vez pareceu-lhe como se abrisse os olhos na casinha do campo e sentisse o ar quente do estio cheio do perfume das rosas e do jasmim. Parecia-lhe ver a snr.ª Fonseca e seu marido, e o querido «pae Abrahão» e mesmo a pobre Josepha inclinando-se sobre a cama e fallando muito baixinho. Mas não viu coisa alguma por muito tempo, nem podia ligar o que tinha visto. A's vezes, quando tinha os olhos fechados, figurava-se-lhe estar ao pé do leito d'um moribundo, e ver um anjo apontando para cima onde um rasto de luz dourada conduzia á presença do Cordeiro. Depois voltava ao quarto e á noite em que sua mãe morrera, e pegava n'uma Biblia e offerecia-a á snr.ª Fonseca, chamando-lhe—avó.—Os dias e as semanas passaram, e os intervallos de consciencia e lucidez tornaram-se mais frequentes e de maior duração, até que viu distinctamente as pessoas no quarto, sentadas á sua cabeceira, e ouvia-as fallar. Mas o que diziam parecia-lhe tão estranho como se fosse tudo um sonho. Mas era um sonho tão doce que temia ser acordada.

N'um Domingo de tarde, de verão, quando a luz

dourada se ia desvanecendo no horizonte, e só uma orla avermelhada e purpurea marcava o logar onde o sol se tinha posto, Maria havia algum tempo que estava com os olhos abertos, e pareceu-lhe estar acordada e ver tudo ao redor. Mas estava fraca demais para se poder levantar, e quasi que se sentia feliz demais para fallar. Correu com os olhos o quarto tão arranjado e bonito. Estava todo armado de branco, e a janella, pela qual podia ver o jardim, os campos e o ceu, estava um pouco aberta. Com toda a certeza que não era o quarto nem a vista a que ella estava accostumada na grande cidade. Mas ali, muito perto, de costas voltadas para ella para aproveitar a luz que se despedia estava o «Pae Abrahão.» Pareceu-lhe que estava lendo n'uma grande Biblia.

Nunca o tinha visto fazer tal. Por algum tempo conservou-se muito quieta; pensou que estava sonhando.

Mas elle fechou o livro, poz as mãos e curvou a cabeça em oração. Era o «pae Abrahão.» Um sentimento de gratidão apoderou-se do coração da creança, a tal ponto que desejaria cantar de alegria.

A palavra «judeu» pronunciada n'aquella noute voltou-lhe á idéa, e ao mesmo tempo o que tinha sido d'aquelles judeus crentes que primeiro adoraram e seguiram a Jesus. Esperou até que Lazaro levantasse a cabeça.

«Pae Abrahão!»

O velho estremeceu como se uma voz do outro mundo o tivesse chamado.

N'um momento achou-se a seu lado.

«Pae Abrahão!» repetiu a creança. O judeu curvou-se sobre a cama.

Ella deitou-lhe o braço ao pescoço, reunindo todas as suas forças, segredou-lhe ao ouvido: «Querido pae Abrahão, o Senhor é o meu Pastor. O Senhor.... E parou n'esta palavra com um tom de inquirição inquieta. A suspenção pareceu-lhe durar annos.

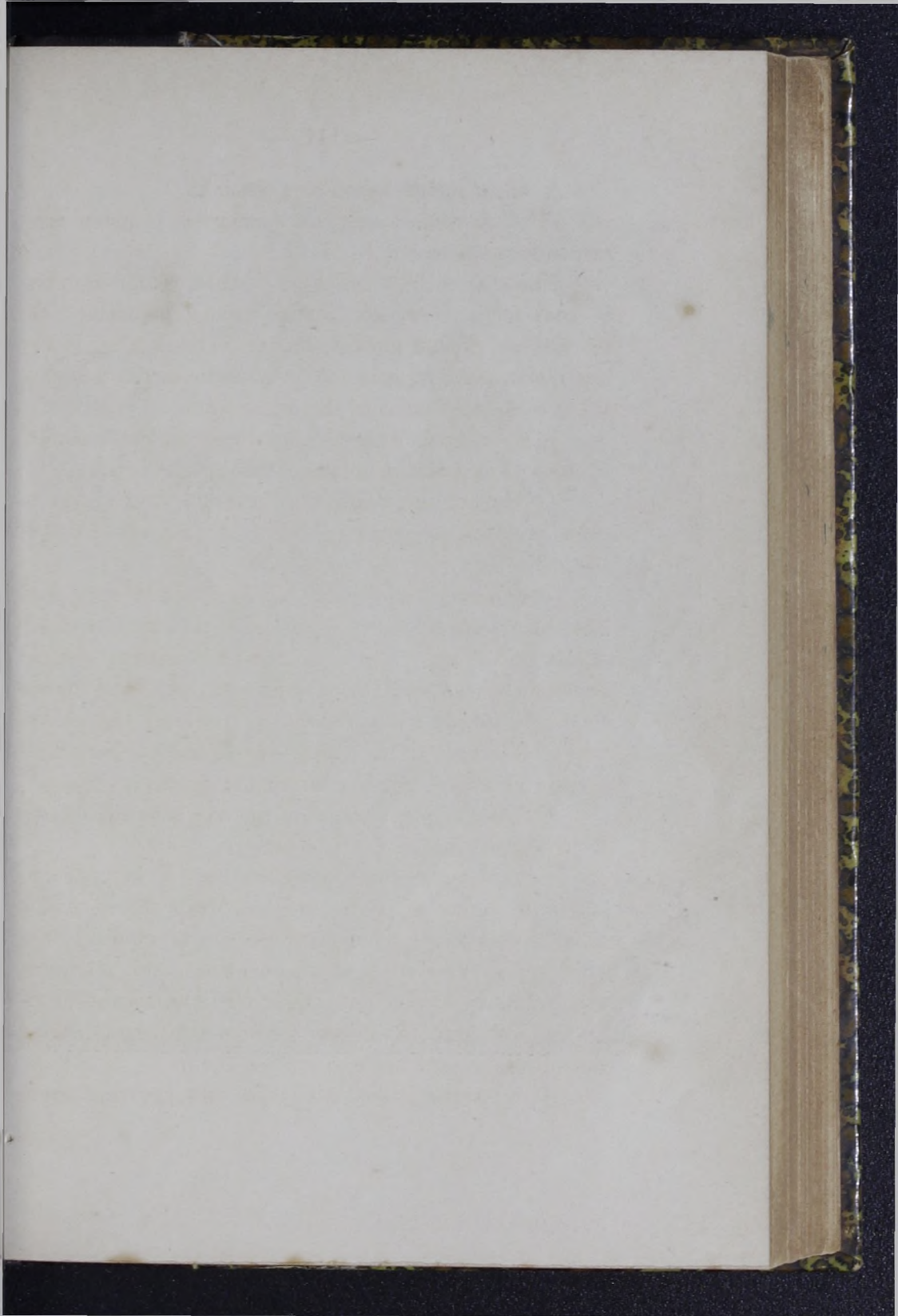
— E' o Senhor Jesus Christo,—respondeu emfim o judeu. Foi a sua primeira confissão de Christo.

—Graças, abençoado Senhor—eu te louvo! Agora estou prompta a morrer, se fôr do teu agrado chamar-me a Ti.

—Não, não, não para morrer! — soluçou Abrahão—não para morrer; ainda não, bemdito Senhor. Agora que te achei, oh! não me leves aquella que me conduziu a teus pés. Oh! concede-m'a por mais algum tempo se fôr do teu agrado, Tu, poderoso Rei de Israel!—Abrahão tinha cahido de joelhos, e escondido o rosto no travesseiro n'uma agonia de dôr.

Foi assim que o acharam quando a sua voz e soluços attrahiram outros ao quarto.

Levaram-n'o com cuidado, e a snr.ª Fonseca tomou a vez de vigiar ao pé da creança. Maria não tornou a fallar n'essa tarde. Uma expressão de tranquillidade e gozo quasi celestial illuminava-lhe o rosto. Movia os labios, como se repetisse o que não tinha forças de dizer em voz alta. Chegaram a temer que tanta alegria fosse demais para um corpo tão fraquinho.

E o Senhor Jesus, com terna misericordia, ouviu

aquella oração —a primeira que o velho judeu tinha dirigido directamente a Elle. Muito devagar, e não sem varias ameaças de recahidas, a pequena Maria melhorou. Disseram-lhe pouco a pouco, não tudo a respeito da sua vida, mas tão sómente a maneira como sua avó a tinha descoberto pela Biblia que tinha o nome da mãe, Biblia que havia muitos annos, a snr.ª Fonseca tinha dado a sua filha. Mas não lhe disseram coisa alguma d'esse casamento a que elles por tanto tempo— mas infelizmente em vão se tinham opposto ; da severidade inflexivel, de seu avô, que tinha afastado de si a pobre Eugenia, de como aquelle homem indigno havia abandonado sua mulher e filha na America, aquelle por quem Eugenia tinha deixado tudo; da noticia falsa que elle tinha mandado da morte de Eugenia; nem, finalmente mais do que era necessario d'aquella historia de vergonha e peccado.

Talvez que a pequena Maria a não acreditasse toda, tão meigo e terno era seu avô agora, e tão brilhante e alegre a sua existencia.

Era como se a severidade e dureza nunca podessem ter formado parte da sua natureza, como se o seu circulo de familia nunca se podesse ter quebrado nem destruido a sua felicidade. O velho Abrahão estava ali, e todos os seus sonhos mais do que realisados. A pobre Josepha tambem tinha encontrado um asylo—não meramente um d'esses como se encontram muitos.

Mas do pae de Maria nunca fallavam. O seu Senhor e Salvador tinha, mesmo á ultima hora, recebido o peccador arrependido, como sobre a cruz tinha per-

doado o ladrão penitente; e a creança, que nas suas visões elle tinha tomado pela mãe, tambem o tinha perdoado em nome de todos os outros. Mas nunca lhe disseram quem era o que ella tinha conduzido ao Cordeiro de Deus.

Quando veiu a primavera sairam todos juntos—e quasi que foi a primeira vez que Maria teve licença de sair—e foram ao cemiterio.

Passaram pelo caminho estreito que conduz ás campas dos pobres. Quando se approximavam, Maria largou a mão de seu avó. Deixaram-n'a ir só á campa de sua mãe. Estava cercada e rodeada de narcisos todos floridos. A pedra tumular tinha o seu nome, e estas palavras da Escriptura, «Eu sou a Resurreição e a vida: o que crê em mim ainda que esteja morto viverá: e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente.» Quasi ao pé d'esta campa estava outra.

A pedra só tinha as iniciaes d'um nome gravadas n'ella, e por baixo estas palavras: «Tinha-se perdido, e achou-se.»